Como Desenvolver a Clarividência
Um Guia Para se Atingir Uma Percepção Sensorial Supranormal

Autor: **W. E. Butler**
Tradução: Attílio Cancian

1981

Como Desenvolver a Clarividência[1]

Este livro descreve quatro tipos de experiências clarividentes, inclusive a faculdade de predizer acontecimentos futuros. Proporciona também técnicas para desenvolver a clarividência latente, bem como instruções para se fazer um disco de areia e um espelho preto, ambos substitutos aceitáveis para um cristal.

[1] Título do original: *How to Develop Clairvoyance*

Sumário

Prefácio

A pedido dos meus editores, acrescentei um prefácio e alguns apontamentos adicionais a esta impressão revisada do meu livro sobre desenvolvimento da clarividência.

O que se tornou conhecido como a "explosão oculta" - o repentino e mundial interesse por assuntos esotéricos - resultou no despertar de uma determinação da parte de muitas pessoas no sentido de tentar um desenvolvimento psíquico prático. Sendo a natureza humana o que ela é, e não o que desejaríamos que fosse, há muitas pessoas que entram de roldão em terreno onde os anjos têm medo de andar; e, visto que a ciência oculta não é mais totalmente imune a descuidos do que qualquer outra ciência, cometeram-se erros, alguns deles graves por parte de alguns que, com conhecimento muito reduzido, puseram-se a fazer experiências neste campo.

Por causa disso foram propaladas advertências de verdadeiro pânico por gente que, em muitíssimos casos, tinha pouquíssimo conhecimento do assunto, e assim essas pessoas falaram em atabalhoar em psiquismo ou ocultismo. Naturalmente os que são obreiros sérios nestes campos melindraram-se com esta objeção irracional, mas isso é tão razoável como lembrar que meter o nariz em qualquer assunto - com exceção talvez do bingo ou dominó - pode acarretar aborrecimentos. Acontece, porém, que os diletantes não ultrapassam um pequeno segmento dos que estão estudando assuntos de psiquismo e ocultismo, e a melhor coisa que podemos fazer por esses "diletantes do subconsciente", conforme têm sido alcunhados, é apontar-lhes os métodos corretos de desenvolvimento e assim ajudá-los a absterem-se de proceder a experimentos estouvados e ignorantes.

Apesar das críticas severas dos seus inimigos, porém, o verdadeiro ocultismo *não* encoraja nenhuma experimentação estouvada e ignorante. Dentro dos seus limites próprios, trata-se de uma verdadeira ciência e, como tal, tem suas próprias leis e métodos de pesquisa. Foi no contexto destas leis e métodos que escrevi este livro. No entanto, escrevem-se livros a torto e a direito, e os livros variam muitíssimo na maneira de apresentar estes assuntos. Assim sendo, que critério deveria adotar o neófito para avaliá-los? Minha opinião pessoal é a de que nunca deveriam ser abordados num espírito desprovido de crítica. Um ceticismo sadio é preferível a uma aceitação néscia de qualquer afirmação feita em todo livro que trate destes assuntos - inclusive

o meu próprio.

Ao mesmo tempo existe um ceticismo *patológico* que vai muito além dos limites razoáveis, e o leitor deve estar preparado no sentido de mudar suas opiniões, caso o que lê apele para a sua razão. Não é fácil para quem quer que seja modificar suas ideias que formou durante toda a sua vida, e o processo pode ser muito doloroso. Não obstante, há muitas pessoas que, por esta ou aquela razão, já estão procurando novos critérios de vida e podem sentir-se tentados a aceitar mais do que deveriam - pelo menos no começo dos seus estudos. À medida que vão progredindo, começarão a apreciar o valor daquele sábio brocardo oriental que diz: "Discernimento é a primeira virtude da linha de conduta". Numa das orações da Igreja Anglicana, o estudioso das Escrituras depara com a advertência de que deve "ler, prestar atenção, aprender e *assimilá-las no coração*". Isto encerra a chave para a compreensão e a sabedoria, mais especificamente as palavras que sublinhei em grifo. Por isso que muitos estudiosos destes assuntos adquiriram um vasto acervo de conhecimentos perfunctórios, pois não fizeram nenhuma tentativa no sentido de reduzir essas noções a um sistema praticável; e são justamente essas pessoas - que têm a tendência de serem levadas ao léu por qualquer mudança nas corrente da opinião pública - os piores inimigos das verdadeiras escolas místicas. Essas pessoas amealharam muitos conhecimentos, mas a Sabedoria as deixa frustradas.

Este livro destina-se aos que, talvez pela primeira vez, estão incursionando nestes assuntos. Gostaria de pedir-lhes que o abordassem conforme indiquei, que se apegassem às normas e fizessem seu julgamento pelos resultados que alcançam.

Tottom, Hampshire. W. E. Butler

Capítulo 1

O que é a clarividência?

A palavra “clarividência” e suas associadas “clariaudiência” e “clarissensibilidade” derivam do francês, onde eram usadas pelos seguidores do Dr. Fransz Anton Mesmer, que popularizou a prática do que então se conhecia como “Magnetismo animal” e que posteriormente passaria a denominar-se “Mesmerismo”, devido ao seu nome. Mais tarde, o Dr. James Braid rebatizou uma certa quantia de trabalhos mesméricos a que deu o nome de “Hipnotismo”, e sob seu nome tornou-se respeitável aquele fragmento particular da técnica mesmérica. Haja visto que existe até uma “Sociedade Médica de Hipnotistas”! Os Drs. Esdaile e Elliotson - junto com muitos outros de sua profissão, que foram severamente perseguidos pela ortodoxia médica dos seus dias - certamente devem ter sorrido, talvez um tanto magoadamente, quando depois de sua morte foram informados da formação de uma Sociedade Médica de Hipnotistas.

P.E.S.[1]

Durante suas pesquisas, os primeiros mesmeristas descobriram que alguns dos seus pacientes, quando se achavam em profundo transe mesmérico, revelavam sinais do que hoje em dia é conhecido como P.E.S. - Percepção Extrassensorial. Eles não tinham este termo muito adequado, de modo que se valiam de outros nomes, como os que já demos. No entanto, em tempos modernos foram dados novos nomes, muitos dos quais derivaram de palavras gregas e latinas. Daí a razão por que havia, e continua existindo, muita superstição, tolice e embuste mesclados com velhos nomes, de modo que se sentiu a necessidade de romper com as antigas associações. A este respeito, é possível que o poeta estivesse com a razão, quando perguntou: “O que há num nome?” A fina flor da visão supranormal é uma coisa tão real quando se chama “metagnomia” ou P.E.S., da mesma forma que o é quando é conhecida por “clarividência”.

[1] Esta sigla é conhecida também por E.S.P., da expressão inglesa *Extra-Sensory Perception* (N.T.)

As três palavras "clarividência", "clariaudiência" e "clarissensibilidade" significam respectivamente "clara visão", "clara audição" e "clara percepção" e, naturalmente, nada têm a ver com os sentidos físicos comuns, mas preferencialmente com percepções sensoriais supranormais ou suprafísicas. Porém, dado que estas percepções suprafísicas não entram em nossas mentes através de nossos sentidos físicos, então *onde é que* elas têm sua origem? A resposta sucinta - a qual acreditamos ser a correta - é a de que provêm dos níveis subconscientes da nossa mente. Conforme sabemos, a psicologia moderna demonstrou que existem certos níveis da mente atrás ou abaixo da consciência ativa comum, e é nesses níveis que a clarividência tem seu ponto de emergência. Para o objetivo deste livro, talvez sejamos um tanto dogmáticos. Por isso, para simplificar o ponto de debate, podemos dizer que todos nós possuímos um corpo mais puro de substância suprafísica e que os "sentidos" desse corpo mais puro podem estar relacionados à consciência ativa, de modo que aquilo que percebemos nesses níveis mais puros de substâncias pode ser percebido *consciamente* porquanto é absolutamente certo que, embora não possamos receber consciamente esses registros sensoriais suprafísicos, eles estão sendo constantemente recebidos na mente mais profunda, tanto quando estamos acordados como no sono.

"Vidro colorido fosco"

No Oriente tem sido elaborado um esquema esmerado de desenvolvimento psíquico que se refere a um intrincado conjunto de vínculos conhecidos como "os *chacras*"[2], os quais podem ser desdobrados de tal forma que as percepções suprafísicas possam *penetrar* a subconsciência, o que testemunha evidentemente os reais poderes supranormais. Há, contudo, muitos casos de visões, vozes e outras percepções sensoriais onde o psicólogo encontra muita facilidade em provar que elas se originam *no* subconsciente e que, na verdade, são devidas a certas pressões e tensões que nelas existem. Vai uma grande diferença entre imagens da P.E.S. e aquelas oriundas da subconsciência, mas *nos dois casos* as imagens, sons, etc. são formados de acordo com as leis que regem as atividades desse nível do subconsciente. É importante percebermos que, embora nossa visões possam ser autêntica P.E.S., provavelmente sofrem uma certa distorção ao passarem por nossa personalidade ativa. Esta ação é muito conhecida de quantos tiveram experiência prática destes assuntos. O recém-falecido W. T. Stead, veterano jornalista e reformador social, chamava isto de "o efeito do vidro fosco", o que oferece um quadro muito bom da ação do subconsciente. Exatamente como uma janela com vidro fosco impõe seus próprios contornos e cores à luz

[2] *Chacra*ou *chacra* é cada um dos centros de recebimento e distribuição do prana (prana-energia cósmica em todas as suas manifestações; energia do Universo manifestada, segundo alguns filósofos hindus). É um conjunto de vínculos que podem ser desenvolvidos para que as percepções suprafísicas possam penetrar a subconsciência (N.T.).

branca que se coa por ela, assim também o subconsciente colore e distorce tudo o que passa por ele com destino à personalidade ativa.

Sistema nervoso voluntário e involuntário

De fato, mesmo quando usamos nossos sentidos físicos comuns ocorre a mesma ação distorsiva, embora num grau menos intenso. Nós vemos o que nosso subconsciente nos "estimula" a ver, e muitas vezes deixa escapar coisas que são vistas por outros que estão olhando para o mesmo cenário. Isto é muito conhecido da polícia e dos advogados, que têm que lidar com relatos de testemunhas oculares de acidentes e outras ocorrências. Os ocultistas defendem que o clarividente novato ou recebedor de outras impressões psíquicas podem lançar mão de dois sistemas nervosos diferentes em nosso corpo. Podem eles provir por meio do que é conhecido como o "sistema nervoso involuntário" ou por intermédio do "sistema cérebro-espinhal". Se provêm por meio do sistema nervoso involuntário - as "Portas de Marfim", conforme eram conhecidas em tempos de antanho - podem ser vagos ou de difícil definição. As imagens em si podem ser claras, ao passo que não são claramente percebidos os significados que pretendem atribuir à personalidade ativa. Ademais, em muitíssimos casos, esta forma de visão não se acha sob controle da vontade da pessoa em questão. Muitas vezes, quando necessário, não pode ser posto em ação e em outras oportunidades, quando não é exigido, pode irromper na consciência ativa. Veremos facilmente que isto pode ser perigoso em certas circunstâncias. A outra modalidade de atuação através do sistema nervoso voluntário tem a vantagem de estar sob o controle do psíquico e pode ser provocado à vontade. Depende também muito menos do que em experimentação psíquica se conhece como "condições".

Contudo, tendo nós falado tudo isto aos nossos leitores, devemos dizer-lhes que é muito raro o uso de somente uma forma de psiquismo, independentemente do que algumas "autoridades" possam opinar. Mais de cinquenta anos de experiência prática neste campo ensinaram-nos que muito raro o assim chamado "psíquico positivo" usa inteiramente o sistema nervoso voluntário. Ele pode alcançar noventa por cento desse controle em dias bons, mas nos outros pode ser apenas cinquenta e cinco por cento "positivo". De igual modo, o psíquico que usar o sistema nervoso involuntário pode, em dias muito bons, começar a atuar através dos nervos voluntários. Na realidade, tanto o psíquico "positivo" como o "negativo" atuam numa espécie de escala móvel, pois os dois sistemas nervosos acham-se intimamente vinculados. Embora o sistema voluntário deva ser o parceiro dominante, todos os processos pelos quais os sentidos - físicos ou suprafísicos - comunicam suas mensagens à personalidade ativa são processos que se realizam pelo sistema nervoso involuntário que penetra o maquinário da mente subconsciente.

Dissemos isto porque desejamos desfazer a distinção que muitos ocultistas teóricos estabeleceram entre as duas formas de atividade psíquica. Ao

mesmo tempo, queremos frisar que *devemos* estabelecer alguma medida de controle sobre nossa atividade psíquica exatamente a partir do momento em que começamos nosso treinamento. Naturalmente, durante os primeiros estágios desse treinamento temos que conceder à faculdade em desenvolvimento um considerável tempo de reserva, mas com moderação e persistência deve-se-lhe impor controle voluntário.

Extensão da visão física

Levando em conta a atitude corrente para com o indivíduo, é bem possível que nossa ideias sejam um tanto confusas sobre o que seja realmente clarividência. É que o nome se aplica a muitas coisas, o que leva muitas vezes a considerável confusão. Por isso, procuraremos descrever, numa maneira mais simples possível, o que é clarividência. Antes de mais nada, porém, abordaremos uma forma de clarividência que na realidade não é senão uma extensão da visão física comum. Se tomamos um prisma que é, como sabemos, uma barra de vidro de três lados, e passamos um feixe de luz branca através dele, a luz branca desintegra-se num naipe de cores que vão do vermelho, numa extremidade, até o violeta na outra extremidade. Sabemos também que abaixo da cor vermelha de vibração existem os raios infravermelhos e, acima ou além da extremidade violeta deste espectro colorido, acham-se outros raios, inclusive os raios ultravioletas, os raios X e muitos outros. Na realidade, nosso leque visível de cores é apenas um segmento de um âmbito muito grande de vibrações.

Pois bem, depois de projetar nosso leque colorido de luz num fundo branco, se convidamos meia dúzia de pessoas para marcar o exato lugar em que, no fundo branco, acham que estão situados os limites do leque de luz, então veremos que os resultados se modificarão, às vezes, de maneira espetacular. Podemos achar que uma pessoa coloca os limites bem *na* extremidade vermelha e bem *atrás* da extremidade violeta. Outros aparentemente verão mais além da extremidade vermelha e chegarão a ver até menos da extremidade violeta. A maioria das pessoas com que fazemos esta experiência verá o leque de cores na mesma maneira geral, mas haverá as que parecem ver mais numa extremidade do que noutra. Esta variação particular depende da estrutura da retina: a tela no olho sobre a qual o cristalino do olho projeta uma imagem de tudo o que se esteja observando. Evidentemente há outros fatores, mas estes não são reconhecidos pela faculdade médica ortodoxa, porque pertencem aos níveis suprafísicos.

Pois bem, esta experiência mostra que algumas pessoas conseguem perceber vibrações da luz que são invisíveis a outras, daí a razão por que nos referimos a esta experiência. No decurso dos anos obteve-se um considerável acervo de provas experimentais que corroboram os ensinamentos dos seguidores de Mesmer, bem como outras provas de que o corpo físico tem um sósia feito de matéria muito mais pura, e que este corpo mais puro constitui

a matriz sobre a qual está construído esse corpo. Esse corpo mais puro é o molde sobre o qual está construído o corpo físico. Esse corpo mais puro tem também seus sentidos, os quais são capazes de perceber as várias condições do mundo de matéria mais pura de que é feito este "corpo etéreo".

Duplo etéreo

O emprego da palavra "etéreo" suscita muito desprezo da parte dos físicos, que encaram o temo "éter" como uma das suas posses particulares, embora eu acredite que a moda mais recente na física rejeite qualquer coisa semelhante como o éter do espaço. Até mesmo na ciência, as modas variam. Todavia, este corpo físico mais puro tem recebido outros nomes. No Egito antigo era conhecido como o *Ká*, na Alemanha medieval como o *Doppelgänger*, em certas escolas rosacrucianistas como o "corpo vital" e, na teosofia moderna, como o "duplo etéreo". Os espíritas franceses o tratam de "perispírito".

Ensinam que através do duplo etéreo as forças vitais entram no corpo físico e que a mente e as emoções podem ser expressas por intermédio de todas as células, glândulas e nervos do corpo. É também ponto pacífico que os sentidos deste corpo mais puro podem estar também ligados com a consciência ativa, e existem certos métodos para se fazer isto. Discutiremos este assunto do desenvolvimento da visão e da audição etéreas quando abordarmos o presente trabalho do treinamento psíquico.

A visão etérea às vezes é chamada também de "visão de raio X", porque permite que o seu possuidor veja através da matéria física. Nos primeiros dias do mesmerismo foi desenvolvida para o diagnóstico médico de doenças, e é fácil ver como esta forma de clarividência pode ser muito útil, uma vez que em alguns casos o clarividente pode aparentemente enxergar no interior do corpo humano e observar muito de perto o trabalho que os vários órgãos desenvolvem no seu interior.

Desenvolvimento da visão etérea

Existem certos artifícios que se diz possibilitarem que esta forma de visão se desenvolva. Corantes especiais, como a dicianina anilina, dissolvem-se em álcool e o líquido é despejado numa célula formada pela cimentação de duas peças de vidro liso que deixam um pequeno espaço entre si. O experimentador olha para uma fonte de luz através desta tela colorida durante algum tempo e depois, após um pouco de perseverança na técnica, pode ser que comece a ver as emanações que são constantemente desprendidas por todas as coisas vivas. A teoria é que a prática altera a retina ou a tela do olho (as "varetas" e os "cones", conforme são chamados os minúsculos terminais nervosos que formam essa tela), possibilitando, assim, que o olho responda aos raios de luz que se acham além do visível espectro colorido. Existem

também óculos - que se chamam "auraspecs"[3] - com suplementos de vidro colorido que se diz produzirem os mesmos efeitos que as telas de dicianina.

O trabalho pioneiro nesta linha de pesquisa foi desenvolvido por um eletricista médico de nome W. J. Kilner, no Hospital de Santo Tomás, em Londres, muitos anos atrás. Ele publicou uma exposição do seu trabalho num livro intitulado *A Aura Humana*. Espero tratar da visão etérea num outro livro nesta série, abordando a aura e os seus fenômenos.

Tratamos de maneira geral esta clarividência etérea e agora vamos abordar outros tipos e aqui nos permitimos dividir nosso assunto em quatro variedades de trabalho bem definidas. Temos, por isso:

1. Clarividência psicológica.
2. Clarividência espacial.
3. Clarividência astral.
4. Verdadeira clarividência espiritual.

No capítulo seguinte nos ocuparemos destes quatro aspectos do nosso assunto e, depois, com uma base sólida que lhes fornecemos, passaremos ao verdadeiro trabalho de desenvolvimento.

[3]O termo é uma aglutinação de "aura" e "spectacles" (N.T.)

Capítulo 2

Tipos de clarividência

No capítulo anterior especificamos quatro variedades de experiência clarividente. Trataremos delas separadamente, embora na prática atual seja sempre difícil fazer isto, porque a faculdade que usamos no decurso de qualquer nível, ainda que dirigida por nós em todo esse nível, possa de repente proporcionar novos níveis de percepção, quando não desejamos a sua manifestação. Mas, por conveniência de estudo, vamos estabelecer uma diferenciação entre estas formas de faculdade e as trataremos separadamente.

Clarividência psicológica

Trata-se aqui de nome que nós mesmos inventamos para abranger um certo tipo de clarividência e acreditamos que os leitores conseguirão ver por que foi que escolhemos este nome, quando tiverem lido o que temos a dizer a respeito dele. A maioria de nós somos familiarizados com essas curiosas atrações e repulsas que sentimos por muitas pessoas. "Eu não vou com a tua cara, Fulano", reza o velho ditado que é continuado pelo outro que diz "E não sei te dizer por que não te topo". Existem algumas pessoas de que nós instintiva e espontaneamente gostamos ou não gostamos, e muitas vezes não conseguimos dizer qual a razão disso; isto tudo, porque esse sentimento brota das profundezas de nossa subconsciência. Todavia, ele *não precisa* ser atribuído necessariamente à percepção clarividente; existe uma explicação psicológica corretíssima desta simpatia ou antipatia. Antes de prosseguir achamos de bom alvitre arredar de nossa frente este ponto puramente psicológico.

Na maioria de nossa vidas houve pessoas que, de um modo ou de outro, obrigaram-nos a experimentar, por um lado, dor, vergonha ou medo e, por outro, alegria, felicidade e confiança. Temos esquecido as pessoas e os incidentes com que nem sequer tenhamos pensado nisso. Todavia, as lembranças não se perderam, pois foram simplesmente tolhidas de nossa vista e jogadas nas profundezas do subconsciente. Se quisermos manter verdadeiro equilíbrio psicológico e autocontrole, é muito importante que essas

lembranças *não* sejam repelidas *demasiado* fundo nas profundezas, porque nestas circunstâncias podem muito bem transformar-se numa espécie de câncer mental e emocional, que bloqueia o livre fluxo de vitalidade e interfere nas atividades regulares da mente.

Acontece, porém, que nossas lembranças muitas vezes são esquecidas, embora não sejam reprimidas tão fundo na nossa mente. Então, um belo dia topamos com alguém cujo rosto ou atitude se parecem tremendamente com os do nosso amigo ou inimigo anterior e, embora conscientemente não nos recordemos daquela pessoa, esta com quem nos deparamos recentemente fere uma corda em nossa memória. Mesmo que a recordação *mental* do amigo ou inimigo de outros tempos não se reavive, sempre há algo que ressurge, e isso é o *efeito emocional*, os sentimentos que costumavam ser despertados; e essa carga emocional é projetada no estranho com que deparamos. Assim, sentimos que "Fulano", que pode muito bem ser um sujeito bom e agradável, é uma criatura que não merece confiança e que tememos. Essa projeção psicológica é muito comum; há poucos dias tivemos um exemplo pessoal disso, o que explica muitas simpatias e antipatias repentinas que nos afetam.

Em muitos outros casos, porém, acontecimentos subsequentes provaram que nosso instinto estava perfeitamente certo. Chegamos aqui a um ponto que muitas vezes é negligenciado, quando se aborda o assunto da clarividência. Estamos sujeitos a pensar em clarividência como uma simples visão, mas a coisa é completamente diferente. Quando ela brota através dos níveis subconscientes, esta faculdade psíquica traz consigo muito mais do que um simples quadro visual; ela vem cercada também por uma atmosfera mental e emocional, ou "efeito", e é a soma de imagem visual, de sentimento emocional e de ideias mentais que penetram na consciência ativa, quando exercemos a faculdade clarividente. Veremos isto de novo quando abordarmos a parte que os símbolos desempenham na clarividência.

No começo do desenvolvimento clarividente, esta atmosfera emocional-mental misturada costuma ser mais vida do que qualquer simples imagem visual; mas, à medida que prossegue, a imagem torna-se mais definida e a atmosfera menos manifesta. Prosseguindo este ritmo, parece que as imagens visuais propiciam, até certo ponto, uma compreensão curiosa, informe e perceptiva, o que pode muito bem transformar-se numa percepção completamente informe na qual todos os pormenores - proporcionados pelas imagens visuais e pela atmosfera mental-emocional - são substituídos por uma percepção clara e muito bem definida que, sem ilustração ou atmosfera, oferece à personalidade ativa uma compreensão cabal, definida e ampla do que está sendo observado.

Três níveis de percepção

Não estamos dizendo que isto seja a sequência automática do desenvolvimento. Podemos muito bem achar que o primeiro estágio é o que parece ser

melhor *para nós*. Outros podem julgar que a seu ver estão iniciando no segundo nível, e outros mais podem achar que eles mesmos estão começando no terceiro nível de percepção. Vejamos o que nosso clarividente do primeiro nível provavelmente irá experimentar. Sentado no quarto assombrado ele deve estar vendo porções indistintas de fosforescência em várias partes, nuvens fracamente luminosas que se espalham à sua volta e sem dúvida "sentirá", com muita intensidade, certas correntes emocionais dentro do quarto. Essas correntes certamente provocarão emoções similares em sua mente, emoções de depressão e melancolia. À medida que a força se intensifica, possivelmente verá a figura fracamente luminosa de um senhor de idade avançada sentado na cadeira em frente, o qual fita taciturnamente a lareira. Com nosso clarividente do primeiro tipo, a atmosfera foi muito mais definida do que a imagem do homem, e ele pôde reagir a esta atmosfera numa maneira marcante.

Nosso clarividente do segundo tipo não foi afetado muito intensamente pela atmosfera de depressão e melancolia, mas pôde observar mais de perto e claramente a imagem visual do homem, e muito possivelmente deve ter-se convencido de que aquilo em que estava olhando não era o homem real, mas uma marca ou sombra de alguém que vivera naquela casa e usara aquele quarto. Existe uma diferença sutil mas real entre estas marcas na atmosfera e a presença de um ser vivo. É difícil descrever essa diferença; aos poucos a pessoa vai se tornando cônscia da qualidade da vida na forma em que é percebida. Neste caso, nosso clarividente experimentou um sentimento irreal curioso com esta forma, ao passo que, se estivesse olhado para um ser vivo, sentiria a força pessoal e a individualidade do homem. Voltaremos a este ponto quando abordarmos a questão dos símbolos e do seu uso na clarividência.

Como aliás se deu, nosso terceiro tipo de clarividente "disparou na escala". Abrindo sua faculdade clarividente, primeiro conscientizou-se da atmosfera psíquica pesadamente carregada do quarto e, depois, aguçando sua percepção, viu clara e distintamente a forma que também seus dois amigos tinham visto. Da mesma maneira que o segundo vidente, reconheceu que a forma não passava de uma simples "imagem na luz astral", como ele a descreveu. Agora, aproximando-se da sua visão, por um momento perdeu tanto a forma como a atmosfera, e na sua mente ergueu-se um "bloco de conhecimentos", se assim pudermos dizer. Sem nenhuma sombra de dúvida, ele percebeu como se formara naquele quarto a atmosfera de melancolia, depressão e suicídio; percebeu também como se mantivera em semelhante força desde sua primeira criação e conscientizou-se de que medidas deviam ser tomadas para destruir essa força e limpar o lugar para que pudesse ser novamente habitado.

Atmosferas

Neste caso particular, o diagnóstico clarividente e o sucessivo tratamento, que conseguimos fazer, revelaram-se eficientes. Quando procuramos nos informar, constatamos que as descobertas do nosso clarividente estavam corretas. Ficamos sabendo que, uns dez anos antes da nossa visita, o inquilino era um peão bastante simplório. Durante muitos anos, antes de sua morte por suicídio, andara com a mania de, ao voltar do seu trabalho, sentar-se em seu quarto e por-se a matutar sobre seus erros reais e imaginários. E finalmente acabou suicidando-se. A atmosfera que deixou atrás de si era consideravelmente fatal, conforme pudemos confirmar com nossa própria experiência; nós mesmos sentimos o forte impulso de suicídio, o que foi uma comum experiência de qualquer pessoa que ficasse naquele quarto durante o tempo que fosse.

Foi uma experiência verdadeira. Se os leitores quiserem ler uma representação imaginária escrita por um mestre da arte de contar histórias, podemos recomendar-lhes a leitura de uma das pequenas fábulas de Rudyard Kipling intitulada "O Cirurgião Doméstico". Existe um poema que se enquadra muito bem com ele, "O Canto do Rabino", e um verso dele pode ser interessante para os meus leitores:

> "Se o pensamento pode chegar até o céu, deixem-no lá morar;
> Pois o pensamento recebeu medo e poder de descer ao inferno;
> De medo, a desolação e a escuridão de tua mente;
> Desconcertam e fustigam a moradia que tu deixaste para trás."

Evidentemente, existem poderosas e benéficas forças e influências que se irradiam das genuínas pedras desses lugares que, na esteira dos séculos, foram verdadeiras casas de oração e de louvor e onde os dois mundos uniram-se intimamente mediante o trabalho de fiéis pastores e carinhosas pessoas. Estas atmosferas podem ser captadas pelo clarividente, e por experiência direta também nós ficaremos sabendo que temos uma grave responsabilidade por essas condições que estamos continuamente criando à nossa volta para ajuda ou estorvo de nosso companheiro. Na realidade, é verdade o que a Bíblia diz: "Nenhum homem vive sozinho".

Queremos crer que esta ilustração de prática clarividente nos possibilitará ver a que estivemos aludindo nestas últimas páginas. Clarividência não é absolutamente tão simples como alguns julgam que seja, mas estes três níveis são os que em geral se nos deparam. Nestes termos, a clarividência é também de grande serventia no que podemos chamar de "aconselhamento psíquico" e nisso os clarividentes de todos os três tipos podem executar um bom trabalho. Se procuramos demonstrar que o terceiro tipo é o melhor dos três, não é porque queiramos que os outros dois sejam encarados como inferiores pessoalmente. Eles *são* inferiores num sentido, visto que

são estágios no desenvolvimento do terceiro tipo, e isso nós consideramos o aspecto mais elevado *deste* nível de percepção psíquica. Existem níveis mais elevados, mas trataremos destes quando chegarmos à forma de clarividência que denominamos Clarividência Espiritual.

Clarividência no espaço e no tempo

Agora passamos ao que denominamos Clarividência Espacial: isto é, clarividência no espaço e no tempo. Aqui deparamos com dois métodos clarividentes desta espécie. Para explicar isto, temos que remontar ao tempo da guerra civil americana. Um certo General Polk constatou que, sempre que tocava uma peça de metal, mesmo em escuridão como breu, ele experimentava um curioso gosto metálico. Este fato isolado despertou o interesse de um tal Dr. Rhodes Buchanan, que fez experiências com seus estudantes, quando lhes pedia que segurassem frascos contendo drogas poderosas. Verificou que alguns estudantes, quase imediatamente depois de segurarem esses frascos, começavam a revelas sintomas que seriam produzidos neles por uma verdadeira dose da droga em questão. Suas pesquisas atraíram, por sua vez, a atenção do Prof. Denton, um famoso geólogo da época, que desenvolveu experiências com a ajuda de sua irmã, a Sra. Ann Denton Cridge.

Constatou que conseguia ver, em imagens visuais, algo de sua história passada, se segurasse um espécime geológico diante de sua testa. Realizou uma exaustiva série de testes, na qual cortou qualquer possibilidade de ação telepática entre ele e sua irmã. Os resultados de suas pesquisas foram publicados num livro intitulado *A Alma das Coisas*. Ele chamou de "Psicometria" esse poder de ler o passado mediante o uso de algum objeto como um centro de concentração. Trata-se de um termo formado de duas palavras gregas que significam "a alma" e "a medida". Assim sendo, para Denton psicometria era o dom que permitia que uma pessoa medisse a alma das coisas; que captasse de um objeto o prontuário de sua história. A partir da época de Denton, os modernos psicólogos passaram a usar a palavra psicometria numa maneira totalmente diferente e, por mais curioso que pareça, eles resmungam contra os espiritualistas e os seus aliados que empregam a palavra num sentido como foi entendido originariamente. Um bom dicionário oferecerá os dois sentidos da palavra.

Em seus termos mais simples, psicometria é realmente clarividência no tempo, a qual utiliza um objeto como um ponto de partida e de referência. Em nossos dias, a psicometria pode ser exercida sem utilizar um objeto, mas a concentração nele ajuda a manter ativa a faculdade clarividente dentro de certos limites determinados. Conforme já dissemos, o objeto pode ser omitido e muitas pessoas exercitam esta clarividência no tempo sem ter a mínima ideia do que estão fazendo. Embora não estejam cônscias de possuírem qualquer poder psíquico, elas acham que em suas mentes surgem quadros ofuscados e moções, quando tocam móveis velhos ou antiguidades.

Esta percepção clarividente é muito mais comum do que em geral se constatava.

"Anima Mundi"

É muito fácil pensarmos numa exposição cósmica de quadros; numa espécie de registro cinematográfico vivo de tudo o que aconteceu no mundo, ao que se deu o nome de *Anima Mundi* - a "Alma do Mundo" e, no oriente, o Registro Akáshico. No Egito antigo o registro era lido em voz alta quando a alma de uma pessoa falecida era julgada no além e era tida como essa alencação imperecível; na Bíblia cristã, na Revelação de São João[1], diz-se que os livros eram abertos e as almas julgadas pelo registro dos seus feitos. É possível que esta imagem do Livro de Cadastro estivesse na mente do vidente que escreveu o Livro da Revelação, mas pode ser também que nas duas religiões houvesse um conhecimento da existência deste registro cósmico.

Agora chegamos a um aspecto muito diferente e difícil do assunto. Podemos compreender que o registro de tudo o que *aconteceu* tenha sido preservado na maneira como descrevemos; mas, o que dizer das coisas que ainda não sucederam e que o clarividente às vezes percebe? Que essa previsão é possível, não há dúvida alguma. Este aspecto da clarividência no tempo constituiu-se no maior fascínio que este assunto poderia oferecer e através de toda a história cadastrada este poder de previsão tem sido procurado em todas as culturas e por muitos meios. Alguns desses meios de levar a faculdade a agir revelaram-se bons, ao passo que outros foram, em sua maioria, decididamente maus. Para o clarividente em desenvolvimento, este poder de previsão constitui uma atração muito grande e um enorme perigo. Parece tão maravilhoso que seja capaz de predizer o futuro, que o jovem psíquico acabe ficando boquiaberto por um sentimento de importância ao ser consultado pelos que desejam saber alguma coisa do que está para acontecer-lhes no futuro. Aqui é que está o perigo, que tem dois aspectos. Primeiro, o sentimento de importância pode aumentar a tal ponto de transformá-lo num egomaníaco; em segundo lugar, ele tenderá a atenuar sua faculdade e depois achar que ela não é mais digna de confiança.

Previsão e probabilidade

Na realidade, ainda não compreendemos "como" é que a faculdade trabalha, embora haja muitas teorias, algumas das quais abrangem certas partes dos fatos, enquanto que outras se referem a outras partes. Não obstante, existe uma forma de previsão que pode oferecer uma explicação racional. Se pensamos num homem em pé numa janela de um bloco de apartamentos altos, olhando para baixo numa rua movimentada, podemos muito bem

[1] A Bíblia cristã é o mesmo que o Novo Testamento; o Livro da Revelação de São João é o Apocalipse (N.T.).

imaginar que esteja observando os passos de uma senhora que está examinando rapidamente as vitrinas das lojas que ficam no outro lado da rua. À medida que seus olhos percorrem a rua, ele pode deparar também com um pintor no topo de uma escada comprida e, pouquinho antes que a senhora chegue aos pés da escada, pode ver o pintor largar sua lata de tinta que cai e começa a entornar na calçada. Avaliando a rapidez com que a tinta está se espalhando e a velocidade com que a senhora está se aproximando do lugar em que a lata de tinta baterá na calçada, nosso observador seria plenamente justificado se gritasse à madame: "A senhora vai sofrer um acidente imediatamente!" Se ela continuar na presente velocidade e não se virar para apreciar alguma coisa exposta nas vitrinas que lhe chama a atenção, e se a lata de tinta continuar caindo sem tocar em nenhum ressalto do prédio, a previsão do nosso observador pode muito bem concretizar-se. Mas, se os outros fatores que mencionamos entram no cenário, então a previsão acaba falhando ou - se a tinta se entorna numa área considerável - o vestido da senhora pode ficar manchado com tinta da lata que se espatifou no chão - e pode-se por isso dizer que ela sofreu um ligeiro acidente.

Trata-se de uma possível explicação de alguma previsão, embora não de toda ela inteira. O observador clarividente vê o possível desenvolvimento de certas forças relacionadas com a pessoa em questão e, na medida em que essas forças continuam como são, o resultado pode ser calculado na mente mais profunda do clarividente. Em outros casos, porém, esta explicação não é possível, e somos levados a tentar entender o paradoxo de que um efeito futuro possa vir antes que sua causa. Evidentemente, isto parece violar todas as leis da mente, mas nos reinos da física existem uma ou duas coisas significantes que parecem apontar para esta possibilidade; por exemplo, o fato observado de que um elétron, sob certas condições, pode aparentemente estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Todo este assunto está ligado com as ideias filosóficas de Destino e Vontade Livre, da sequência de Ação e Reação, e constitui-se no bem-aventurado paraíso de todos os tipos de teóricos, de excêntricos e de pseudo-filósofos. A Quarta Dimensão, a Quinta Dimensão e muitos outros termos são usados com uma aura de conhecimento, mas podemos muito bem ignorá-los. Sejamos pragmáticos e digamos simplesmente: "A previsão é um fato. Mas presentemente não sabemos como é que ela funciona!".

Seja como for, será a prática de predizer o futuro, mais do que as teorias a seu respeito, que interessará o nosso leitor, quando tiver começado a desenvolver os seus poderes clarividentes e houver sido suficientemente prudente no sentido de informar seus amigos a propósito disso. Os que não encaram as pessoas como um caso de tratamento psiquiátrico podem causar-lhes muitos problemas com sua crença ingênua na exatidão de sua clarividência. Para o público em geral a palavra clarividência significa uma ou as duas coisas: pode-se ver tanto espíritos ou pode-se predizer o futuro; ou pode-se fazer as duas coisas. No entanto, o discernimento de espíritos não é tão fácil como

os não instruídos parecem pensar, e a predição do futuro tem seus escolhos. Existem muito poucos clarividentes que podem resolutamente e com firmeza exercer o poder de previsão, pois não devemos esquecer que o fato de uma pessoa ser clarividente não lhe garante o dom de previsão. Tudo depende do tipo de faculdade clarividente que a pessoa possa desenvolver.

Ler o destino

No entanto, podemos ser assediados pelos que querem que lhes leiam o futuro e, se a clarividência da pessoa propicia previsão, a pessoa pode então decidir se lhe é correto utilizá-la para este objetivo. Não é um assunto fácil, pois depende muito das condições de vida da pessoa. No entanto, como regra geral, semelhante uso do poder deveria ser empregado muito parcimoniosamente.

Existem certos artifícios, como o uso de folhas de chá ou de borra de café deixada na xícara, que podem ser usadas pelo clarividente para dirigir sua visão para o futuro e, evidentemente, não podem deixar de existir as cartas de tarô. A geomancia com areia e o I'Ching, que podem ser utilizados para despertar a faculdade clarividente e dirigi-la nesta linha de previsão. O poder de todos estes métodos jaz no próprio operador, não nas folhas de chá, nem na borra de café, tampouco nas figuras de tarô, nos pontos na areia ou nas posições com que as varinhas de I'Ching ficam quando caem.

Há um teste real que a pessoa deve enfrentar. Nesta predição do futuro, nós entramos num relacionamento íntimo com as vidas interiores dos que fazem a consulta, com suas esperanças, medos e dúvidas. A mais singela palavra que se proferir muitas dessas pessoas a tornarão como sendo a voz da verdade e procurarão ordenar suas vidas pela predição que lhes for feita. Será que temos nós o direito moral de nos arvorarmos em oráculo? Será que nossas descobertas serão poderosa sugestões que agem nas mentes dos nossos participantes das sessões? Poderemos nós arcar com a responsabilidade que aceitamos? Se um dos nosso clientes interpreta erradamente nossa mensagem e cometer suicídio, pensando que o infortúnio o espera, saberemos como justificar-nos no tribunal da nossa consciência? Estes e muitos outros pontos de debate acham-se ligados a esta questão da predição do futuro, e precisaremos considerar o assunto muito seriamente antes de apresentar qualquer decisão.

Na verdade, em todo trabalho de clarividência começaremos a constatar que temos que ser muito cuidadosos no que descrevemos, e muito especialmente nas conclusões que tiramos daquilo que vemos.

Clarividência astral

Agora vamos abordar o próximo tipo de clarividência que denominamos Clarividência Astral. Com isto queremos significar a percepção de seres

aparentemente vivos que não possuem corpo físico.

Os *Devas* ou "Os Brilhosos", "As Nobres" da tradição céltica, as náiades, as dríades e as oréades da crença grega, bem como o povo de fadas e duendes, os Espíritos dos Elementos; tudo isto vive e tem sua existência nos reinos etéreos e astrais. Algumas desas entidades podem ser vistas à medida que nossa clarividência começa a desenvolver-se, e suas atividades formam um campo fascinante de estudo para o investigador clarividente.

É neste campo de trabalho clarividente que precisaremos usar o máximo cuidado, porque estaremos entrando em contato consciente com seres vivos de muitos diferentes tipos, e nem todos eles serão amigos. Teremos também que cultivar o poder de resistir ao fascínio que alguns desses seres podem exercer sobre nós, a menos que tenhamos treinado a resistir-lhe.

A matéria daquele reino de existência, que chamamos de níveis astrais, é muito diferente daquela do mundo físico, o que pode causar-nos considerável confusão em nossas primeiras aventuras clarividentes nestes reinos. Aqui na terra, a matéria é sólida e temos que mover vários pedacinhos de matéria de um lugar para outro, se quisermos construir algo (como uma casa, por exemplo): tijolos, telhas, vigas, cimento, e assim por diante. Quer empreguemos ajuda mecânica ou usemos nossa própria energia física, estaremos sempre trabalhando contra o que podemos chamar o peso e a inércia da matéria física.

Nos níveis astrais, porém, as coisas são bem diferentes, visto que a substância daquele mundo não é tão densa e inerte, mas plástica e capaz de ser modelada pelo poder do pensamento e do desejo. Por conseguinte, o cenário astral - que começaremos a ver se a clarividência se desenvolve ao longo desta linha - é formado pelos pensamentos e emoções dos que nele habitam.

Há seres que só existem nestes níveis astrais e etéreos, os quais criam seu próprio cenário e condições, embora estes sejam de uma espécie ininteligível para a mente humana até o momento em que ela for treinada a perceber semelhantes efeitos não-humanos.

Por causa da natureza plástica do astral, o clarividente, que está apenas começando a abrir sua visão psíquica, encontra dificuldade em sair-se da situação que o cerca; ele sente-se desnorteado pela complexidade do mundo em que está olhando. Por causa disso e devido à sua própria consciência condicionada à terra, sem dúvida ele cometerá muitos erros até que finalmente compreenda corretamente o que percebe em visão psíquica.

Inteligências não-humanas

As inteligências não-humanas deste nível astral não possuem nenhuma forma semelhante à do homem, mas têm suas formas próprias, embora estas não possam ser descritas em termos terrestres. Se o clarividente entra em contato com esses seres não-humanos, então sua subconsciência fornece-lhes

"uma moradia e um nome local". Isto costuma corporificar-se numa imagem tradicional. Assim, as vidas elementárias das quatro modalidades da matéria, os assim chamados quatro elementos, eram visualizados em tempos da Idade Média como gnomos, sílfides, undinas e salamandras. Em outras nações e outras épocas, o homem atribuía-lhes diferentes formas e, em seu livro *Sonho de uma Noite de Verão*, Shakespeare conseguiu que se criassem inúmeras "formas de fadas" mediante as visualizantes imaginações de incontáveis frequentadores de teatro. Tais formas são rapidamente captadas e usadas pelos espíritos elementários e nessas aparências exteriores são muitas vezes vistas pelos clarividentes.

Assim, de muitas maneiras, este grande mundo do astral é bem conhecido como o Mundo de Ilusão. Ao mesmo tempo, as ilusões acham-se nas *aparências artificialmente criadas* desse mundo; em si, é tão real como qualquer outro reino da Natureza. Apresentamos este esboço muito breve das condições astrais, de modo que se possa entender algo da maravilhosa complexidade do assunto; mas, para o objetivo para o qual este livro foi escrito, não há necessidade de entrar em mais considerações particularizadas dos níveis astrais. A menos que empreendamos uma investigação psíquica muito especial, tal detalhe não é realmente necessário - embora evidentemente quanto mais soubermos, mais aptos estaremos para usar nosso dom. Mas, exatamente como, na vida terrena, desenvolvemos gradualmente nossos poderes e aprendemos pela experiência a usá-los, assim neste reino psíquico a experiência é um mestre excelente.

Clarividência espiritual[2]

Abordamos agora o último tipo de clarividência - a que chamamos de Clarividência Espiritual. Antes de começarmos a tratar deste tipo de visão, teceremos algumas considerações em torno da palavra "espiritual", porque muitas vezes ela é totalmente mal interpretada. Existem certas escolas filosóficas que, ao que acreditamos, construíram um corpo muito irreal de ensinamentos sobre essas interpretações errôneas. Achamos que a coisa é assim, mas nestes assuntos só podemos pôr em evidência o que acreditamos ser a verdade e, visto que as abordagens da verdade variam enormemente, não podemos responsabilizar-nos por nós mesmos ou por nossa escola particular filosófica.

Queremos que nossos leitores considerem, com um espírito aberto, as ideias que agora vamos apresentar-lhes. A ideia geral de espírito, onde a ideia de sua realidade é aceita, é a de um estado de existência totalmente oposto à matéria, e dela distinto, mais especialmente a matéria do mundo material, e do corpo material que nós usamos nesse mundo. Pois bem, esta ideia da oposição total e completa entre o espírito e a matéria é um

[2] N.Transcritor: na verdade esta seção deveria se chamar: *O que é espiritual*

ensinamento que se insinuou no cristianismo em seus primitivos dias e, numa forma ou noutra, continua ainda conosco. Antigamente, era ativo na Igreja primitiva sob a denominação conhecida por heresia maniqueísta, pois o seu criador nessa forma particular foi um certo professor de nome Manes, que finalmente encontrou a morte nas mãos dos sacerdotes mágicos da religião persa do zoroastrismo. Mais tarde, na história do ocidente, ela reapareceu como o puritanismo que amargurou o campo religioso dos séculos dezesseis e dezessete. Ora, se a matéria é má de maneira tão absoluta e está eternamente em oposição ao espírito, então a melhor coisa que uma pessoa religiosa tem que fazer é virar-lhe as costas e concentrar-se inteiramente nas virtudes do espírito. Mais particularmente, deve repudiar e reprimir todos os instintos naturais do corpo físico que está vestindo, esse corpo "vil", conforme o encararia.

Contudo, tanto dentro como fora do cristianismo, sempre houve os que repudiaram esta visão tacanha e pervertida da vida. Às vezes chegaram a cometer excessos em seu repúdio e as ideias extremamente ambíguas que expunham eram tão más quantos as austeras ideias que eles substituíam. Também em nossos dias deparamos com semelhante rejeição do puritanismo e, mais uma vez, algumas pessoas estão levando sua revolta a tais extremas amplitudes que estão começando a produzir condições que são tão ruins quanto as que repudiaram!

Pois bem, no sistema de pensamento a que nos dedicamos, a virtude, a sensatez e a verdadeira espiritualidade situam-se no ponto a meio caminho entre os extremos. Acreditamos que todas as *coisas materiais* são tão boas e tão santas como as *coisas espirituais*. Não existe nenhuma inimizade eterna entre o espírito e a matéria, pois eles constituem os dois polos da existência manifesta, e é no *uso equilibrado* dos princípios espirituais e materiais que se situa a via do progresso. Daí, pois, a razão por que a verdadeira espiritualidade não significa que devamos repudiar o mundo material e todas as ocorrências que nele se dão, que subjuguemos e pisoteemos nosso corpo material com todos os seus maravilhosos instintos e mecanismos, ou que nos concentremos completamente em nosso "desenvolvimento espiritual" imaginário, ignorando todas as nossas obrigações manifestas que temos para com nossos semelhantes. É claro que não podemos isolar-nos por completo, porque "nenhum homem é uma ilha", mas podemos pautar-nos por tal atitude que reduzimos a um mero pingo as energias doadoras de vida do universo; energias que são essenciais para nossa existência sadia.

Nossos leitores podem perguntar: o que tem tudo isto a ver com o desenvolvimento da clarividência? Claro que podemos desenvolver a faculdade clarividente sem nenhuma perspectiva religiosa ou moral em nossa mente; as faculdades psíquicas nada têm a ver com as normas morais ou éticas. Com efeito, muitos entre nós, como resultado de longo estudo do assunto, creem que alguns dos mais deploráveis transgressores dos existentes códigos morais e éticos assim se comportam porque, sem o saberem, de certa forma são

psíquicos naturais e por isso estão abertos a pressões telepáticas e tentações que a pessoa que não é psíquica, normalmente não experimenta. Por isso, sem nenhum padrão religioso ou ético, podemos desenvolver estas capacidades psíquicas, uma vez que são em si poderes naturais exatamente como o são os sentidos físicos.

Clarividência: um poder natural

Todo o mundo possui estas faculdades, mas saber se elas estão em vias de emergir do subconsciente, isto é outra coisa. Em algumas pessoas, acham-se perto da superfície; em outras, estão de tal modo profundas que o tempo necessário para trazê-las até a consciência ativa poderia muito bem ser aplicado em setores de esforço mais efetivo. Aqui uma analogia pode ser de valia. Tomemos o caso de duas pessoas, uma das quais parece ter nascido com um sentido musical acentuado, ao passo que a outra aparentemente não está dotada de nenhuma queda musical de espécie alguma. No primeiro caso, um curso relativamente curto de aulas musicais revelaria que essa pessoa é um músico esplêndido, ao passo que o outro homem provavelmente não seria músico algum, mesmo depois de vinte anos de aulas, e o tempo que ele gastou neste vão esforço poderia ser empregado em fins mais elevados. O mesmo se dá com a faculdade clarividente. É um poder *natural.* Se dermos a impressão de termos frisado este particular em demasia, note-se então que é porque campeia uma ideia errada de que as faculdades são "dons oriundos dos deuses", e nós mantemos este erro em voga ao falarmos de dons psíquicos. Uma tradução errônea de parte de uma carta de São Paulo aos seus convertidos de Corinto fala de "dons espirituais", mas uma tradução mais adequada seria "dons psíquicos"; e aparentemente São Paulo se referia à *manifestação* desses poderes sob a influência do Espírito Santo. Os teólogos cristãos costumam referir-se a eles como os *carismas* ou "dons", corroborando assim esta ideia da natureza das faculdades psíquicas. Evidentemente, muitas vezes empregamos palavras de uma maneira muito livre, como por exemplo quando dizemos que tal ou qual pessoa é um músico ou artista de talento, ou que alguém é excepcionalmente dotado nas esferas política ou profissional. Pensamos aqui nos modelos de pensamento dos clássicos gregos e romanos; os deuses eram os doadores de dons aos homens e muitas vezes suas razões para agirem desta maneira pareciam arbitrárias e ilógicas. Procuremos libertar-nos deste antigo padrão de pensamento que então conseguiremos formar uma ideia mais correta destas coisas.

Naturalmente, no fim da vida, toda consciência, todas as faculdades têm sua origem em Deus, mas todo o trabalho se torna manifesto sob imutável lei natural. Existe apenas um aspecto do universo que é supranatural e, para usar uma velha frase, trata-se do Santo "Que a Natureza não formou, do qual toda Natureza procede e pelo qual é governada". Por isso nossas faculdades psíquicas não passam de poderes naturais. Se gravarmos esta

ideia firmemente em nossa mente - daí por que a repetimos tantas vezes; e se escolhermos nossa palavras de modo que nos desfaçamos das velhas formas de expressão, então com menos probabilidade passaremos a ter uma ideia errada de nós mesmos. O poder divino não nos singularizou para que recebêssemos algo de exclusivo, mas estamos simplesmente na posição de nos tornarmos cônscios de outro nível de percepção. Isto nada tem a ver com nosso caráter pessoal, tampouco se trata de modo algum de um substitutivo da religião. Por isso não deveríamos jactar-nos indevidamente por termos a faculdade de atuar a ordem, e tampouco deveríamos cair no erro de acreditar que a posse desse poder mostra nosso elevado desenvolvimento espiritual. Deveríamos frisar, porém, que a *ordem* de nossos poderes psíquicos *depende* de nosso desenvolvimento moral; nós só podemos receber aquilo com que podemos sintonizar, para usarmos uma analogia de rádio.

Capítulo 3

Técnicas de treinamento

Conforme ocorre em qualquer ciência, arte ou ofício, existem certos modos de proceder, certas técnicas que devem ser seguidas se queremos ter êxito em nossos esforços para desenvolver a clarividência. Pois bem, o grande problema com todo o assunto de treinamento psíquico no passado tem sido o seu envolvimento com várias ideias religiosas e culturais. Isto não significa que damos a entender que todas estas condições e envolvimentos estejam privados de seus uso; na realidade, muitos deles foram de grande assistência. Todavia, há certas coisas essenciais e é destas que queremos tratar neste capítulo. Se achamos que vale a pena cultivar nossos poderes dentro da estrutura de alguma religião ou filosofia, muito bem! Mas não incorramos no costume que muitos têm de olhar com desdém ou desaprovação os que julgam possível agir sem nenhuma ajuda religiosa ou filosófica. Há um ditado que diz: "Cada um é dono do seu nariz", e aquele outro "Quem és tu para julgar o servo do outro? Ou segue seu mestre ou cai em desgraça".

A faculdade clarividente é um poder inteiramente natural e nada tem a ver com qualquer doutrina moral, ética ou religiosa, tanto quanto nossa visão não depende de pertencermos à Igreja católica ou ao hinduísmo. Segue-se, portanto, que o canto dos hinos e o uso de várias formas de reza não são em si necessários. Ao mesmo tempo, se essas práticas são *reais* para nós, se encerram um significado definitivo para nós, então podem ser da maior valia. Realmente nos níveis *mais profundos* do desenvolvimento, a oração reveste-se de um poder e de uma realidade de que até agora não éramos cônscios e então constatamos que ela nos pode proporcionar tremenda ajuda.

Tradições populares e magia

No início do nosso desenvolvimento dependemos de ajudas de todos os tipos, mas, à medida que avançamos, constatamos que podemos dispensar muitas dessas ajudas. Um rápido estudo cuidadoso dos feitos e tradições que chegaram até nós e relativos ao desenvolvimento das faculdades psíquicas, logo mostra que muita coisa origina-se das curiosas tradições

mágico-religiosas da Idade Média, muitas coisas derivam-se de um conjunto de crenças e tradições populares antiquíssimas e uma certa porção das contínuas experiências de muitos pretensos servos, como às vezes são denominados os clarividentes. Podemos com segurança esquecer a tradição mágico-religiosa, porquanto não é essencial para o desenvolvimento da clarividência. Não é que menosprezemos a magia, pois muito dificilmente poderíamos agir desta forma, visto que escrevemo diversos livros sobre o assunto e nós mesmos pertencemos pessoalmente a uma fraternidade mágica.

Podemos também prescindir sobremodo dos feitos e crenças populares referentes à clarividência. Alguns feitos e crenças populares baseiam-se em velhos contos da carochinha e não têm base em fatos. As antigas avós preservaram e transmitiram algumas instruções muito importantes, as quais podemos adaptar e usar hoje em dia. Infelizmente, legaram um grande acervo de tolices e de práticas supersticiosas e alguma coisa disso tudo permanece ainda conosco. Examinemos agora os relatórios que nos foram apresentados pelos que assumiram pessoalmente a tarefa do desenvolvimento clarividente e aqui, de novo, suas afirmações são coloridas com seus temperamentos individuais. Por isso tentamos incluir neste livro somente aquelas partes dessas afirmações que julgamos constituírem a essência do assunto.

Alguns de nós podemos ter a impressão de que omitimos uma fonte de informação muito importante neste assunto, ou seja, as instruções em livros que se dizem escritos por vários swamis[1], gurus e rishis[2]. Agimos assim de caso pensado. Possuidores que somos de conhecimento muito substancioso de alguns desses sistemas orientais e, de fato, alguma experiência prática pessoal dos seus métodos, bem como os resultados que esses sistemas produziram, estamos firmemente convictos de que esses exercícios e doutrinas, que podem ser encontrados em muitos desses livros, podem ser enganosos e nocivos. Quanto à segurança de que se reveste e o uso eficaz que nos propiciam, esses métodos dependem da *supervisão pessoal* de um *guru* ou mestre que saiba o que está fazendo e que possa observar os resultados desses exercícios em *chela* ou aluno. Se isto é viável, então os métodos orientais podem ser tentados com segurança, muito embora mesmo sob estas condições se possa constatar que as perspectivas psicológicas muito diferentes entre o Oriente e o Ocidente acarretam algumas dificuldades e complicações.

Três tipos de consciência

Depois de clarear um pouco o terreno, permitimo-nos reiterar o que dissemos sobre a base do desenvolvimento. Como a Gália nos tempos de Júlio César, julgamos que nossa consciência está dividida em três partes, as quais são a consciência ativa, o subconsciente e o supraconsciente. Podemos também considerar o subconsciente sob dois aspectos: o *aspecto pessoal* do

[1] *Swami* é um membro iniciado de uma ordem religiosa hindu (N.T.).
[2] *Rishe* é um santo, sábio ou poeta hindu inspirado (N.T.).

subconsciente, além de um nível muito mais profundo e amplo que compartilhamos com toda a vida sensitiva neste globo. Esse nível mais profundo não é senão o Inconsciente coletivo descrito pelo grande psicólogo C. G. Jung e seus seguidores. Antes de tudo, se tomamos em consideração estes dois aspectos da mente, então o desenvolvimento psíquico consiste em formar certos vínculos entre a consciência desperta normal e a subconsciência pessoal. Devido às condições em que a consciência humana se desenvolve, existe uma barreira ou divisão entre estes dois aspectos da mente; e os vínculos que o desenvolvimento psíquico forma têm que atravessar essa barreira, para que os resultados da percepção clarividente interior possam surgir e penetrar na consciência ativa.

Estes resultados aparecem de várias maneiras, embora seja provável, e na verdade a tradição sempre sustentou este particular, que existe somente *um* sentido psíquico de percepção. Exatamente, porém, como nossos cinco sentidos físicos não passam de modificações do sentido físico básico do tato, assim as faculdades psíquicas da clarividência, da clariaudiência e da clarissensibilidade são alterações e expressões da única percepção psíquica fundamental.

Por conseguinte, nosso êxito no desenvolvimento da clarividência depende de nossa realização das percepções psíquicas numa forma visual. Se estamos procurando desenvolver a clariaudiência, então devemos tentar concretizar essa percepção em sons e palavras subjetivos. Grande parte do trabalho penoso de desenvolvimento como clarividente é suplantado, se temos o poder natural de *visualização*; ou, se temos treinado pessoalmente para visualizar imagens, no sentido de formá-las claras em nossa mente. Algumas pessoas possuem este poder de visualização mental num grau extraordinário. Lembremo-nos de que muitos anos atrás, encontramos uma menina de cinco a seis anos de idade que tinha um misterioso poder de desenhar quadros com cortes nítidos de vários tipos. Quando lhe perguntamos como é que ela fazia isso, nos respondeu: "Eu penso e depois traço uma linha ao redor do meu pensamento!" Em seu livro intitulado *A Colmeia Infinita*, Rosalinda Heywood menciona este mesmo poder que era usado por seu filho ao fazer seus deveres de escola. Este poder de projetar uma imagem mental de maneira tão intensa, a ponto de vê-la aparentemente do lado de fora da cabeça, possuem-no muitos artistas, mas infelizmente um certo tipo de pessoas mentalmente perturbadas acha que esse poder acontece involuntariamente. Porque essas visões e vozes involuntárias constituem sintomas comuns de semelhante perturbação mental, todas as mais sérias escolas filosóficas sobre este assunto insistem que seus alunos jamais permitam que essa projeção involuntária se manifeste. Casualmente, reiteradas investigações mostraram que em *alguns caso* - que foram diagnosticados como enfermidade puramente mental - havia um verdadeiro elemento psíquico, e algo do que algumas dessas pessoas viam em visões devia-se realmente à percepção clarividente. Talvez os membros mais doutos da escola jungiana

de psicologia possam ainda estudar este interessante ponto de debate.

O psicólogo Freud, ao escrever ao Dr. Ernest Jones dizia que estudaria pesquisa psíquica se fosse mais novo, e Carl Jung teve realmente um interesse muito ativo neste assunto.

Visualização consciente

Se julgamos que nossa maneira comum de pensar não combina com as linhas visuais, então temos que nos treinar em visualização consciente. Aqui damos um palpite que nos poupará muito problema desnecessário. Muitos livros sobre o assunto de visualização recomendam que o iniciante tome uma forma geométrica, como um círculo, um quadrado ou um triângulo, e tente construí-lo no "olho da mente". Isto pode ser feito, mas é muito mais fácil e de igual eficácia empregar um quadro com numerosos e diferentes pormenores, visto que desta forma a mente pode deslocar-se de um ponto a outro no quadro, ganhando assim poder de visualização e ao mesmo tempo não ficando cansada. É este cansaço mental que se acha possivelmente atrás da gradual deterioração das conjeturas feitas pelos indivíduos do Dr. Rhine com as cartas de Zener[3] que ele usa. Tem-se notado que um indivíduo que fez predições exatas com as cartas, aos poucos começará a perder a capacidade, e é possível que o responsável seja justamente esse cansaço.

Casualmente, pode ser que a pessoa se lembre de uma cena ou objeto por meio da qual parece ser um comentário mental corrente sobre ela. Ao invés de ver no olho da sua mente um fragmento de cor, a pessoa simplesmente verá a *palavra* descrevendo a cor que aparece na sua mente. Se este é o caso, não deve preocupar-se, mas continuar tentando melhorar seu poder *visual*. Uma das belezas deste treinamento em visualização reside no fato de que se pode praticá-lo a qualquer tempo conveniente, e se há de constatar que tal prática aumenta intensamente a consciência que a pessoa tem dos seus arredores; trata-se de um poder que pode ser de grande valia na vida comum.

Suponhamos que a pessoa é um telepata por natureza ou por treinamento e que pode construir imagens visuais claras. A pessoa pode guardar esses quadros dentro de sua cabeça ou esboçados na retina escura dos seus olhos fechados, ou pode projetá-los externamente e vê-los aparentemente na superfície de um cristal, espelho ou outro dispositivo. Algumas autoridades frisam muito o uso de um cristal ou de um globo mágico. Deve ser de cristal de pedra, embora se permita um feito de vidro. (Atualmente, acham-se à venda no mercado cristais feitos de plástico transparente.) Deve ser magnetizado pelo usuário, utilizando uma certa cerimônia mágica; deve ser

[3] *Cartas Zener*: jogo de 25 cartas dividido em blocos de 5 cartas cada, contendo cada um deles, respectivamente, na frente 1 círculo, 1 retângulo, 1 cruz, 1 estrela, linhas paralelas onduladas. Estas cartas foram utilizadas pelo seu inventor, o psicólogo Karl E. Zener, para pesquisa em percepção ultra-sensorial (N.T.).

envolto em seda e resguardado de luz forte, e às vezes recomenda-se que o cristal seja colocado num envoltório de ébano no qual foram pintados em ouro os doze Signos do Zodíaco. Outros ensinam que deve ser dedicado a um espírito particular. Toda esta advertência, na forma em que costuma ser feita, pode ser muito enganadora. Existe, porém, uma razão definitiva para estas instruções. Tentemos escrever de novo a lista acima numa outra maneira.

Quando pegamos e examinamos um cristal que se comprou, o seu exame vincula-o em nossa mente a nós e à finalidade para a qual o compramos. Se temos um propósito definitivo de usá-lo para certos tipos de trabalho clarividente, então o dedicamos a um espírito particular (porque se dizia que os espíritos controlavam fases particulares do trabalho; por exemplo, os espíritos de Marte controlavam os acontecimentos bélicos, os espíritos de Mercúrio, as coisas intelectuais). Com o objetivo de obviar confusão psíquica e mental mediante os pensamentos e as emoções de outras pessoas que eventualmente vejam o cristal em nossa posse, conservamo-lo encoberto e fora da vista.

Não estamos dizendo que não haja outras razões psíquicas para toda estas instruções. Elas fazem parte de um conjunto muito maior no qual os cristais, os globos mágicos e os espelhos desempenham, e continuam desempenhando a sua parte, só que para nosso presentes objetivos não são necessários. Aqueles que, como nós, são ritualistas natos e que encontram no trabalho cerimonial uma grande ajuda para a concentração, podem, se nós quisermos, fazer tudo o que se recomenda nessas instruções; mas aqueles para os quais tais método são desagradáveis podem adotar a tentativa de aproximação puramente mental que indicamos.

Até aqui nos referimos ao cristal. Mas suponhamos que não podemos adquirir um cristal - e um cristal realmente bom pode ser muito caro, pois até os plásticos de acrílico não são baratos - o que podemos usar? Não precisamos preocupar-nos, pois existem substitutos que podem ter a mesma eficácia, e ser até melhores do que o cristal. Alguns deles são:

1. O disco de areia;
2. Uma folha de cartolina branca com um grande disco preto pintado no seu centro com tinta preta fosca.
3. Um espelho preto.
4. Uma bacia preta, rasa e com tinta pela metade ou com outro líquido escuro.

O disco de areia

Para se fazer um disco de areia, pega-se uma folha de cartolina branca bem resistente, digamos de 18 x 18 centímetros, e, com um compasso,

desenha-se no seu centro um círculo de 13 centímetros de diâmetro. Cuidadosamente, deve-se passar dentro do círculo uma camada de ocergum (não a moderna cola resinosa) e, enquanto a cola está ainda úmida, espalhando areia fina sobre ele. Não precisa ser necessariamente areia, pois se pode usar qualquer pó cristalino colorido. Quando secar, limpar todo pó que não tenha aderido. Isto parece muito fácil, mas é preciso um jeito especial, e é possível que se chegue à conclusão de que se devem fazer diversas tentativas até se conseguir um disco que satisfaça nossas exigências. O disco de areia tem uma propriedade muito útil: elimina os vagos reflexos que o cristal e o espelho costumam dar. Esses reflexos de objetos adjacentes podem ser distrativos para muitas pessoas, ao passo que para outras tornam-se pontos de enfoque em torno dos quais se formam as visões.

O disco preto num fundo branco pode ser feito de maneira muito simples, traçando-se um círculo numa grande folha de cartolina branca, conforme descrito nas instruções para a feitura do disco de areia. Em seguida, pinta-se o círculo de preto. Pode-se usar um dos lápis com ponta de feltro que hoje em dia podem ser comprados facilmente em papelarias.

Espelhos pretos

O espelho preto é feito com muita facilidade. Temos um que é muito eficiente e que foi feito da seguinte maneira:

Compra-se em um relojoeiro (ou laboratório de química) qualquer vidro de relógio circular. Trata-se de de um vidro convexo empregado nos mostradores de relógio. Deve ter um diâmetro de mais ou menos 9 centímetros, embora se possa ter o diâmetro que se queira, dentro de uns certos limites razoáveis. Agora, pintar um lado, o lado *convexo*, com tinta preta ou esmalte. Verá que é melhor passar duas camadas, deixando que a primeira seque por completo antes de aplicar a segunda. Em seguida, conseguir algo onde se possa montar o espelho. Se somos bons no torneamento de madeira, ou se temos um amigo que o é, possivelmente fazer-se-ia uma bacia rasa na qual o espelho em questão possa ser colocado, deixando-se ao redor dele uma beira de 2,5 centímetros de largura. Pode-se tingir ou pintar essa beira, só que aconselhamos empregar uma cor suave, *nunca* um vermelho brilhante ou amarelo! Se for de nosso gosto podemos pintá-lo com tinta ouro. Até que é muito eficiente montar o espelho numa lata de tinta de móvel antigo; o que possuímos está montado numa lata que tem um diâmetro interno pouquinho maior que 9 cm. Apoiamos o vidro num anel de emplastro-de-paris. Muitos anos atrás, por acaso pagamos uma importância muito alta que conseguíramos com muito suor por um espelho preto, o qual nos chegou devidamente montado numa caixa de metal com os signos do zodíaco inscritos em ouro. Contudo, certo dia o espelho caiu fora da sua caixa e constatamos que também no seu interior havias as inscrições “Vermelho turguês Lustre de Botas”!

Na medida em que acrescenta ao que já dissemos, achamos que este exemplo, o cristal , o espelho e o disco não têm nenhum poder intrínseco em si mesmos, no mínimo no que aqui nos diz respeito. São simplesmente "autoscópios", métodos com os quais as percepções psíquicas podem penetrar os níveis subconscientes da mente até a consciência ativa. Não nos preocupamos em descrever o último método, a bacia com líquido escuro. O reservatório de tinta é um método usado na Idade Média. É muito eficiente, embora se obtenham de novo reflexos confusos que partem de sua superfície e, na situação em que as coisas estão, existe um risco profissional: derramamento de tinta!

Como nota de rodapé, permitimo-nos dizer que um dos mais brilhantes clarividentes, que jamais encontramos igual, desenvolveu sua clarividência usando uma bandeja de chá envernizada de preto, suspensa num arame. A julgar pelos resultados, deve ter funcionado muito bem.

Preparações mentais

Há certas condições que devem ser levadas em consideração quando se resolve assistir a uma sessão visando desenvolvimento clarividente. A primeira delas é o estado de espírito em que se começa o trabalho. Não é preciso que acreditemos em todo o mito e lenda que se criaram em torno do assunto. É perfeitamente permitido que sejamos céticos com relação a tudo, só que não é útil, se abordamos o assunto imbuídos do espírito daquele ateu moribundo que se diz ter feito a seguinte oração: "Ó Deus - se é que Deus existe - salva-me a alma - se é que tenho uma alma!" Na lei escocesa deve haver um veredito de Culposo, ou Não-Culposo ou Não-demonstrado. Se a pessoa entra em seu desenvolvimento clarividente preparada para aceitar tudo o que se lhe apresentar e depois o realiza na maneira indicada, então muita coisa que no início sentirá deve ser taxada de "não-demonstrado", ainda que mais tarde se veja que é apropriada tanto para os "verdadeiros" como para os "falsos" compartimentos do seu pensamento. Por isso, gostaríamos de advertir que se enverede por esta via de conhecimento psíquico pessoal com uma mente aberta, desvinculada de qualquer dogma, mas apenas disposta a aguardar os resultados que se obtenham, sejam eles quais forem. Esta atitude é muito importante, pois é nestas condições que nossa mente subconsciente provavelmente permite que as impressões psíquicas penetrem em nossa mente desperta.

Registro das ocorrências

Isto tudo para nossa atitude mental preliminar. O próximo ponto importante é a questão dos *registros*. Se pretendemos executar trabalho sério neste campo, é fundamental que já a partir das primeiríssimas sessões mantenhamos um registro pormenorizado de tudo o que se passa em cada sessão.

Pode ser que - e de fato muito provavelmente o será - durante muitas sessões a pessoa consiga pouca coisa ou nada, mas isso não deve impedir que o interessado mantenha registros. Sejam quais forem as visões clarividentes que se apresentem ou deixem de se apresentar, há outros pormenores que devem ser cadastrados, os quais provavelmente ajudarão a descobrir por que, certas vezes, a pessoa consegue fortes impressões clarividentes e, em outras, os céus estão que nem pretura e não se consegue absolutamente nada.

Os que, dentre nós, usaram a faculdade clarividente durante muito tempo, constataram que existe uma curiosa correlação entre as fases da lua e a atividade das faculdades psíquicas. Na fase crescente da lua, parece que operam com mais facilidade sob o controle da vontade. Na fase minguante, embora possam aparecer, muitas vezes apresentam-se em formas caóticas e inacabadas e já não parecem mais estar sob o controle total da vontade. Por causa disso, o clarividente experimentado tem a propensão de encarar com um olhar algo suspeitoso as impressões psíquicas recebidas durante este período. Existem modos de ele julgá-las, mas estes são peculiares a cada pessoa e constituem os resultados de um período bastante longo de tentativas e fracassos. Aos poucos a pessoa vai aprendendo a avaliar as impressões que recebe mas, como nossa intenção é fazer uma descrição em breves palavras, há uma diferença muito real, embora sutil, entre as visões que surgem através das Portas de Chifre - conforme diziam os antigos - e aquelas que emergem através das Portas de Marfim.

Condições físicas

Provavelmente é desnecessário que digamos que existe a possibilidade de não obtermos bons resultados, se tivermos altercado violentamente com alguém momentos antes da sessão, mas constataremos também que há disposições de ânimo periódicas que se apoderam de nós, as quais podem ajudar ou atrapalhar o nosso desenvolvimento. Por isso, é de bom alvitre que se registrem as disposições de ânimo que exerceram influência sobre nós momentos antes, durante e depois da sessão. Possivelmente descobriremos que tudo está relacionado com as fases da lua, depois de percorrermos alguns meses a via do desenvolvimento, e poderemos assim examinar retroativamente o registro desse período. É também útil anotar as condições atmosféricas predominantes, visto que elas são importantes. Todos os pontos antecedentes exercem um efeito sobre a mente e as emoções, mas agora vamos abordar os que influenciam nosso corpo físico. Estes são da máxima importância, dado que as sensações do físico são tão fortes que elas podem, no início do desenvolvimento, apagar as vagas impressões que surgem através do subconsciente e, além disso, o "tono" do corpo físico tem um forte efeito sobre a mente e as emoções.

O primeiro e mais importante ponto é que a gente deve *sentir-se fisicamente à vontade*. Roupa colada, sapatos apertados, cabelos muito duros, a

posição do cristal ou de outro dispositivo que causa tensão muscular, tudo isso deve estar bem certinho, se quisermos ter um relaxamento completo do corpo. O quarto deve estar confortavelmente quente, mas não abafado. A temperatura que se deve manter varia segundo cada indivíduo, mas normalmente não deve ser menos de 20 °C. Claro que é um assunto da preferência da pessoal.

Antes da sessão, deve-se tomar apenas uma refeição frugal; olhar para um cristal imediatamente depois de uma refeição substancial provocará sono e não impressões psíquicas! Depois da sessão será muito útil uma refeição leve, visto que ela tende a encerrar as atividades psíquicas e restitui a consciência normal.

Determinação de um lugar reservado

O local em que a pessoa participa da sessão de desenvolvimento depende do espaço disponível, e é muito possível que a pessoa não consiga reservar um lugar especial para isso. Todavia, isto não deve constituir um sério obstáculo, uma vez que a pessoa sempre poderá participar calmamente da sessão, sem nenhuma atrapalhação durante o seu desdobramento. Algumas pessoas preparam um lugar reservado esmerado para onde podem retirar-se e onde podem empregar quaisquer ajudas que julguem necessárias, só que se trata de um caso ideal. Em semelhante lugar reservado é possível usar tais ajudas como quadros, que possuem algum significado simbólico, bem como incenso, que também não deixa de ter seu valor. O incenso encerra um valor tanto simbólico como psicológico visto que, por força da lei mental de associação de ideias, ele sugere uma atmosfera diferente daquela da vida do dia-a-dia. Quando usado somente durante as sessões, acaba associando-se na mente com esta atividade; e quando a pessoa entra em seu lugar reservado e acende o incenso, daí a mente começa automaticamente a concentrar-se no objeto da sessão. No entanto, caso não se consiga um lugar reservado, permitimo-nos sugerir que a pessoa não use incenso, pois não é imprescindível. Uma coisa, porém, deve ser lembrada em relação a todo o assunto de desenvolvimento: deve-se eventualmente prescindir de todas as ajudas que possam ser usadas corretamente no início do treinamento, de modo que a pessoa consiga empregá-las em todas as condições normais, quando a faculdade está completamente desenvolvida. O clarividente que depende de um certo bloco especial de circunstâncias antes que possa exercitar seu dom, limitou-se a si mesmo com esta dependência de coisas externas.

A iluminação deve ser fraca. Alguns usam uma luz vermelha, outros azul, ao passo que outros mais simplesmente obscurecem ou esmaecem a luz branca comum. De novo, trata-se de um assunto individual; é questão de escolher a que mais convém. A luz deve ser baixa, de modo que os objetos circunstantes possam ser apenas fracamente percebidos. Quando o desenvolvimento tiver progredido, então se pode aumenta a luz, mas no

início é melhor o menor número possível de desvios de reflexos casuais no espelho ou cristal.

O cristal ou outro espéculo, conforme estas coisas às vezes se chamam, devem ser colocados de tal maneira que se possa fitar a sua superfície sem qualquer esforço. Deve-se evitar de modo particular o esforço ocular, porquanto isto pode produzir alguns efeitos desfavoráveis. O cristal costuma ter um pequeno suporte preto, mas, se a pessoa quiser, pode simplesmente colocá-lo nas dobras de um pedaço de veludo preto. Melhor é colocá-lo numa pequena mesa disposta de tal forma, como dissemos, que se possa olhar calmamente e sem esforço em sua superfície. Caso se queira, pode-se segurar o cristal, com a almofada de veludo nas palmas das mãos, mas isto pode fazer que a pessoa se preocupe subconscientemente com a possibilidade de deixá-lo cair, e essa preocupação não ajudará em nada no desenvolvimento.

Relaxamento físico e mental

Todas estas condições são de caráter externo; e que dizer das condições interiores da pessoa? A condição mental principal deve ser a da calma intenção de participar da sessão para o desenvolvimento do poder clarividente. As emoções devem ser perturbadas o mínimo possível e o corpo físico deve estar completamente relaxado. Esta última condição é demasiadamente negligenciada, mas constitui um dos requisitos prévios para o desenvolvimento.

Existem vários métodos para se realizar esta condição física relaxada, mas a nosso ver o exercício que vamos apresentar é um dos melhores.

O exercício consiste no seguinte: sentar-se com o torso ereto, respirar profundamente pelo nariz. Para tanto, começar pelo diafragma (o grande músculo que separa o coração e os pulmões do resto dos órgãos internos) e depois dilatar a caixa torácica até que se tenha aspirado um fôlego realmente cheio. A respiração não profunda, ou melhor, de tórax superior, na realidade não faz o que é preciso. Quando se respira, deve-se transferir a atenção para o topo da cabeça. Agora, expirar lentamente e, enquanto se faz isto, relaxar mentalmente primeiro os músculos do escalpo, depois os músculos faciais e em seguida, alternadamente, os braços, o tronco e as pernas, descendo até os dedos dos pés. Repetir isso várias vezes. Sugerimos que se façam seis dessas respirações profundas. A pessoa acaba notando que no começo tem a tendência de enrijecer-se de novo automaticamente tão logo a sua atenção passou de um ponto para o próximo, mas logo a subconsciência obedecerá à vontade da pessoa e produzirá o relaxamento exigido.

Agora a pessoa está pronta para dar o primeiro passo no desenvolvimento da clarividência.

Capítulo 4

Visão

Depois de tratar o mais extensamente possível, num livro deste porte, da teoria geral e das condições de desenvolvimento clarividente, agora vamos cuidar da prática real de adivinhar no cristal ou espelho. Queremos crer que a pessoa interessada executou as instruções que lhe demos e que agora está assistindo à sessão num estado de espírito e de corpo totalmente relaxado, fitando calmamente e sem esforço a superfície do espéculo, que pode ser um dos que descrevemos. Para a nossa finalidade presente, suponhamos que utilizemos o espelho preto.

Titilação de formiga

Inicialmente, tudo que parece acontecer é que a superfície do espelho vai aos poucos se deslocando do foco e, no entanto, não podemos observar isso muito bem. De repente volta a acentuar-se, a que pode suceder durante parte ou em toda a sessão nas primeiras poucas tentativas. Talvez a pessoa acabe notando certas sensações corpóreas. Elas costumam assumir a forma do que parece ser uma atadura apertada em volta da testa e uma coceira curiosa ou uma sensação de titilamento entre os olhos, na raiz do nariz. Alguns livros orientais referem-se a isto como sendo "a titilação da formiga" - o que parece ser um nome muito apropriado. Tem-se a sensação de que um pequeno inseto está se movendo lentamente pela pele numa rota circular, sem que nada o ajude. Estes dois fatos - o deslocamento focal dos olhos e a atadura apertada com a sensação de titilamento - parecem devidos a causas puramente físicas, pelo menos no início do treinamento. O desaparecimento e reaparecimento do espelho é atribuído aos músculos que controlam a enfocação do cristalino do olho que se cansa. À medida que os músculos vão se relaxando, o objeto que se está fitando se desenfoca. Daí a instantes se enrijecem de novo e reenfocam o objeto à sua frente. A atadura apertada e a titilação são devidas a leves mudanças na circulação do sangue na fronte, embora a "titilação da formiga" indique que o aspecto pouco conhecido da glândula pituitária é posto a funcionar. A pessoa não deve desanimar, se isto representa toda a

sua experiência em suas primeiras poucas sessões. Roma não foi construída num dia, e estas impressões psíquicas devem varar seu novo canal entre o subconsciente e a mente ativa.

Outros sinais

Se a pessoa perseverar, então aparecerão outros sinais. Um dos mais costumeiros é o da superfície que parece anuviar-se aos poucos, até que se tem a impressão de estar olhando para uma cortina de cerração cinzenta que amortalha todo o ambiente. Depois essa cortina de cerração começa a dissolver-se e a rodopiar em nuvens menores, e centelhas brilhantes de luz espelham-se por todo o espelho. A esta altura, a pessoa provavelmente faz regredir o seu desenvolvimento, porque fica excitada por estar vendo algo. Esta excitação pode muito efetivamente destruir o calmo equilíbrio de sua mente e interferir assim nas tênues linhas de conexão que estão sendo construídas bem nas profundezas do subconsciente.

No entanto, se a pessoa puder manter a sua mente num estado calmo, então as aparições no espelho podem começar a aumentar e assumir outras formas. Fragmentárias aparições instantâneas e vagas, de paisagens brilhantemente coloridas, rostos graves e alegres, bem como coloridas e luminosas nuvens podem muito bem aparecer, mas se constatará que é difícil, no início, segurar qualquer quadro por mais de um segundo.

Quando estas paisagens, rostos e cores aparecem, é prova de que estão se realizando em sua mente certas alterações psicológicas, e são estas alterações que permitirão que a visão interior seja levada à sua personalidade ativa. Estes quadros são os primos-irmãos dos curiosos quadrinhos que algumas pessoas veem ao adormecerem e novamente quando acordam. Os psicólogos lhes dão o nome de imagens hipnogógicas e presumem que sejam construídas e projetadas pelo subconsciente. Esta explicação é satisfatoriamente verdadeira, mas em nosso presente caso eles podem ser mais do que simples imagens: podem ser imagens portadoras de mensagem, as quais contêm informações que foram recebidas pelo sentido interior. Como não podiam deixar de ser, trata-se de sonhos vivos que têm seu significado definitivo próprio.

Visão passiva

Quando a pessoa chegou a esta altura, já começou a desenvolver clarividência. Por si só descobrirá o curioso artifício de manter a mente numa condição equilibrada e também relaxada; algo que no começo parece impossível. Muitas vezes ficamos espavoridos repentinamente diante do que vemos, e toda a visão se encerrará imediatamente. A pessoa constatará também que suas visões começam a dividir-se em dois grupos distintos. Um será bem maior que o outro, o que possivelmente indicará que tipo de visão

está desenvolvendo. Um bloco de imagens será de coisas normais do dia-a-dia, ao passo que outras apresentarão formas simbólicas. Também se há de constatar que a visão simbólica parece estar associada a uma atitude interrogatória positiva de sua mente. Tem-se a impressão de que a visão literal é refletida na mente sem nenhum esforço da parte da pessoa; trata-se de uma visão passiva.

Alguns dirão que se deve evitar a visão passiva, mas isto costuma ser suspeito e lembra o aviso dado pela raposa que perdera seu rabo. Lembrar-se-á de que ela destacou as vantagens de não ter nenhum rabo e de que sugeriu às outras que se desfizessem dos *seus* rabos! Quer a pessoa discirna passiva ou ativamente, seu dom pode valer-lhe e a outros.

Depois de ter êxito em ver no espelho, não se apresse demasiado em dar um significado a tudo o que nele vê. Um escritor católico, o recém-falecido dom Robert Hugh Benson, ao referir-se a estas visões disse que era como se a pessoa estivesse num quarto com uma janela, olhando para baixo para uma rua movimentada. A persiana da janela está fechada, de modo que não se pode ver absolutamente nada lá embaixo. Em seguida, muito repentinamente, a persiana é puxada para o lado por um segundo e a pessoa põe-se a olhar para a rua apinhada lá embaixo. É possível que nesse vislumbre momentâneo a pessoa veja uma jovem com vestido vermelho com uma cesta de flores na mão. Em seguida, a persiana corta de novo a visão. A pessoa seria muito tola se começasse a argumentar que a jovem não tinha absolutamente nada a ver com ela, mas que simplesmente aconteceu estar passando pela rua quando a pessoa olhou para fora. É o que ocorre com grande número de visões deste tipo. Durante noites de insônia, passamos muitas horas observando estes quadros vivos na luz astral, sem nenhuma razão de pensar que estivessem de algum modo relacionados conosco pessoalmente. Existem certas correntes psíquicas que circulam diariamente por este planeta; os hindus chamam-nas de *tatvas* e, em cada um dos cinco tipos de corrente tátvica, parece que predomina uma espécie de imagem. Todavia, isso não interessará à pessoa no começo do seu desenvolvimento.

Há, contudo, imagens que se relacionam diretamente com a pessoa. Trata-se de imagens usadas pela mente subconsciente como um código com o qual se podem obter certas informações. Estas informações podem referir-se à própria vida íntima da pessoa e, às suas condições, podem constituir informações definitivas referentes a outros, informações essas que os sentidos interiores receberam ou, em alguns casos, pode ser que elas sejam devidas à ação de outras mentes que, desta maneira, estão passando através da personalidade íntima da pessoa, uma mensagem para a sua personalidade ativa.

Imagens simbólicas

Pois bem, à medida que a pessoa avança em seu desenvolvimento constatará que certas imagens têm um valor simbólico e constituem o código que

a sua personalidade íntima usa. De suas visões acabará aprendendo o que essas formas simbólicas *significam para ela.* Sublinhamos estas três palavras , porque são muito importantes. O que um símbolo significa para a personalidade íntima de uma pessoa não é necessariamente o significado que tem para outra. Para nós, o símbolo de um gato visto numa visão tem conotação com coisas do Egito, mas um amigo nosso, que era um clarividente excelente, constatou que, toda vez que via um símbolo similar, prognosticava que ele ficaria doente dentro de uns dois dias. Ele tinha uma série de conferências a proferir em todo o território e disse-me que essa visão periódica muitas vezes fazia que ele escrevesse, cancelando o compromisso da conferência em tempo suficiente para que os responsáveis encontrassem um conferencista substituto.

Estamos aqui diante de algo muito importante. Se os vermos numa visão acharemos que estes símbolos são de dois tipos diferentes. Um é visto numa visão sem nenhuma atmosfera emocional e não temos nenhuma pista sobre o que possa significar. O segundo tipo não é somente visto, mas traz consigo noção clara com relação ao seu significado. Este conhecimento que vem imediatamente com a visão é quase invariavelmente correta, segundo nossa experiência. Quando vemos um símbolo e temos que parar para a interpretação do seu significado, então, muito cuidado, porque a interpretação pode estar muito aquém do significado real. Casualmente, quando começamos a ter uma sucessão de tais símbolos, que temos que interpretar sozinhos, isso costuma ser um sinal de que, por uma razão ou por outra, os poderes clarividentes não estão funcionando corretamente, e de que se lhes deve dar um descanso por um certo tempo.

Há outro ponto que temos que tratar, uma vez que estamos abordando a questão dos símbolos. Refere-se, em sua maior parte, aos símbolos que são interpretados como prognosticadores do futuro. Centenas e centenas de vezes ouvimos clarividentes dizerem algo semelhante a isto: “Estou vendo um lindo maço de abróteas acima de você e isso me diz que, quando as flores estão desabrochando na primavera, você receberá boas notícias”, e assim por diante. Independente do fato de que as flores desabrocham muito antes da primavera e de que a primavera se estende por umas boas semanas, toda a coisa é tão vaga que chega a ser realmente fútil, como uma suposta impressão clarividente. Se a predição não pode ser deduzida a menos de um período de três meses, então como predição ela não diz muita coisa. De qualquer maneira, essas descrições vagas sugerem fortemente que a capacidade clarividente da pessoa é muito pobre.

Por isso sugerimos que a pessoa treine para compreender os símbolos que os seu sentidos íntimos lhe apresentam, bem como que se esforce visando proporcionar descrições claras e definidas, ao invés de generalidades vagas. Isto pode ser feito, mas implica em trabalho duro. Os resultados, porém, compensam a trabalheira.

Controle das visões

Uma vez que conquistou o poder de ter visões, a pessoa já realizou a metade da sua tarefa. A próxima coisa verdadeiramente importante que deve fazer é adquirir o poder de desligar-se das visões. Existe um número demasiado grande de clarividentes "focas" dando sopa por este mundo afora; são pessoas que começaram a descerrar sua visão psíquica e que depois, por esta ou aquela razão, jamais a dominaram. Tornaram-se videntes involuntários, ao léu de qualquer brisa psíquica que sopre, e suscetíveis, numa maneira automática negativa, a todos os tipos de correntes filosóficas esposadas pelos que os cercam. Por causa disso a sua capacidade de clarividência transforma-se numa dependência, ao invés de servir-lhes de grande recurso. Pode tornar-se um assunto realmente perigoso; é evidente que, se alguém está atravessando uma rua movimentada não quer uma visão repentina dos Campos Elísios, surgindo à sua frente. Isso pode levar a uma mudança de residência precoce para o mundo suprafísico.

Cessação das faculdades psíquicas

Por isso advertimos que devem treinar para manter afastados os dois níveis de consciência depois de ter assistido à sessão. Encerrar a clarividência mediante um calmo esforço de vontade. Pois bem, isto não quer dizer que a pessoa deva ranger os dentes e esticar para fora a queixada ou enrubescer o rosto num violento esforço físico. Fazer isto é uma perda de energia e é algo semelhante a desligar a luz elétrica dando uma pancada com um malho no interruptor. Possivelmente apagará a luz, mas com certeza danificará o interruptor. O que a pessoa tem que fazer é dizer calmamente a si mesma que agora está terminando a sessão e encerrando a faculdade psíquica. Em seguida, fazer imediatamente alguma atividade humana física normal, como registrar tudo o que lhe aconteceu durante a sessão. Se em qualquer tempo depois o sentido clarividente começa a revelar-se contra seus desejos, então deve-se *imediatamente* desviar a atenção dele. Isso deve ser feito logo a seguir porque, do contrário, a pessoa constatará que, à medida que a visão vai se formando à sua frente, se tornará cada vez mais difícil eliminá-la. Talvez a pessoa sinta que , caso houvesse uma possibilidade de acontecer-lhe algo de pernicioso, seria útil se uma visão clarividente pudesse repentinamente avisá-la do embaraço iminente. Assim é que se apresenta a situação e as coisas podem ser arranjadas de tal forma que, por uma sugestão mental definitiva, que a pessoa se proporcionaria, o poder clarividente começasse a funcionar quando provavelmente algo vai acontecer e que pode ser em detrimento da pessoa. Pelo menos em duas ocasiões nós devemos nossa vida a semelhantes avisos repentinos projetados na consciência ativa, mas essas atividades involuntárias dos sentidos psíquicos só devem ser encorajadas, conforme dissemos, se alguma sugestão mental definida abriu o canal pelo

qual podem irromper na consciência.

Já sugerimos que é de bom alvitre que a pessoa guarde silêncio a respeito do seu desenvolvimento até o momento em que tiver revelado o poder *e* aprendido a controlá-lo. Mesmo então a pessoa verá que, caso se torne conhecido que ela possui capacidade clarividente, será importunada por pessoas tolas que simplesmente querem ver algo de novo ou que esperam ganhar algo para si. Muitas dessas pessoas, que bem poderiam permitir-se o luxo de pagar os préstimos de um psiquiatra profissional, verão em seu dom uma esplêndida oportunidade de conseguir algo sem fazer força!

Psiquismo profissional

Chegamos agora à espinhosa questão do psiquismo profissional. É lícito usar esta faculdade como meio de ganhar a vida? Visto que a faculdade clarividente é um poder completamente natural, e em si mesmo não sacrossanto, não há nenhuma razão lógica que impeça de ser empregada neste sentido. Todavia, há outras considerações que devem ser levadas em conta. Numa grande proporção, o clarividente é antes um artista que um técnico. Seus poderes variam, dependendo de suas condições pessoais íntimas, da mesma forma que são influenciados por fatores externos. Enquanto não tiver estabilizado totalmente seu poder, ele não estará em condições de atuar como um consulente psíquico profissional, visto que nunca pode dizer quando a faculdade estará disponível. Mais tarde é possível que possa arcar com este ônus muito exigente e responsável e pode ser de grande valia a muitas pessoas, se mantiver um elevado padrão ético.

Finalmente, permitimo-nos afirmar que durante mais ou menos cinquenta anos exercitamos a faculdade clarividente, sem pedir contas do nosso trabalho, e experimentamos uma satisfação real e duradoura, devido à esperança que conseguimos incutir em muitas pessoas. Durante umas três semanas, infringimos o nosso compromisso e aceitamos pagamento, mas essa época bastou para que nos conscientizássemos, ao menos um pouco, das tentações e dificuldades que o psiquista profissional, se for autêntico, tem que enfrentar.

Capítulo 5

Mais algumas considerações

Neste capítulo queremos oferecer alguns avisos práticos que podem ajudar os interessados a evitar alguns perigos imprevistos no desenvolvimento da faculdade clarividente. Evidentemente, a capacidade de ver claramente no cristal ou no espelho constitui a primeira e muito importante parte do treinamento, mas *é* apenas uma parte. Há tanta coisa que começa a exercer influência sobre a pessoa, logo que ela começa a trabalhar com seu desenvolvimento. Algumas mudanças súbitas que ocorrem na própria pessoa e nos seus arredores podem parecer apenas obstáculos de somenos importância, mas elas podem muito bem passar para uma dificuldade realmente aborrecida. E este capítulo foi escrito com o objetivo de ajudar a pessoa a evitar pelo menos algumas dessas dificuldades.

Antes de mais nada, vejamos o efeito do desenvolvimento clarividente sobre a própria pessoa e, primeiro de tudo, tratarei dos efeitos que ela experimenta e, então, continuarei cuidando dos efeitos produzidos pela pessoa sobre outras pessoas mais.

A pessoa deve lembrar-se de que se tornará mais sensível, não apenas no nível psíquico, mas também em sua vida comum. Esta sensibilidade corporal anormal deve ser apenas uma fase passageira e deve cessar quando a pessoa mais ou menos completou seu treinamento. Infelizmente, há muitos psiquistas que nunca saem deste estágio de sensibilidade física indevida, e são estas pessoa que contribuem para conspurcar o nome deste assunto. Esta sensibilidade costuma revelar-se numa irritabilidade incomum, geralmente poucos antes que a pessoa comece uma sessão de esforço para ver no cristal ou no espelho. Todo som parece indevidamente alto, e a pessoa se surpreende num estado de impaciência e de lamúrias contra os que o cercam. Em muitos casos este estado permanece também com a pessoa *depois* da sua sessão e pode causar um bocado de preocupação. É por causa disto que o público em geral tem a ideia de que *todos* os psiquistas são pálidos, nervosos e irritáveis, propensos a entusiasmos repentinos ou a depressão profunda. São estas reações extremas que a pessoa tem que aprender a controlar e

mostrar, assim, ao mundo, que um psiquista pode ser uma pessoa normal e bem equilibrada.

No início do seu treinamento, contudo, é difícil evitar estas expressões de nervosismo e de falta temperamental de equilíbrio, porque são devidas, em maior ou menor grau, às mudanças que se efetuaram na pessoa pelo treinamento a que agora está se submetendo. Pode-se ver uma situação semelhante quando alguém começa o rígido treinamento de um atleta em algum esporte físico exigente. É o que acontece quando o seu corpo começa a reagir ao treinamento, e ao mesmo tempo o desequilíbrio temperamental e acentuado nervosismo irão diminuindo aos poucos, à medida que a pessoa avança em seu treinamento. Afirmei que são devidas às mudanças que se realizaram na pessoa por esse treinamento. Que quero eu dizer com essa afirmação? Pois bem, é muito importante lembrar que o contato com os níveis psíquicos permite que forças vigorosas e ativas se desprendam imediatamente, as quais influenciarão toda a personalidade. Visto que a personalidade do interessado não está por enquanto equilibrada e integrada, essas forças encontrarão uma certa qual resistência, o que resultará nos sintomas físicos mal-acolhidos que se pode experimentar. Por favor, não queiram entender-me mal aqui. Se eu digo que sua personalidade não está ainda equilibrada, isso é algo que qualquer psicólogo lhe dirá que se passa em mais ou menos 90 por cento de toda a raça humana! De fato, alguns psicólogos são de opinião de que a personalidade verdadeiramente integrada e equilibrada ainda não existe na face da Terra. É um ponto de vista exagerado, mas no entanto, como regra geral, é verdade que, na maioria, não estamos, em diferentes proporções, devidamente equilibrados e integrados como personalidades. Quando as forças psíquicas entram em contato com o nível consciente, quando a pessoa inicia seu desenvolvimento, elas fluem através de sua personalidade, despertando várias reações internas e, ademais, transtornando-lhe o equilíbrio. Friso isto porque não quero enganar a ninguém. Mas quero que a pessoa se lembre de que afirmei que essas forças exercerão influência sobre ela em maior ou *menor* proporção e frisei que deixarão de causar problemas se a pessoa trabalhar corretamente em seu treinamento.

Cultivo da humildade

Um dos resultados mais comuns deste afluxo de poder, quando alguém está em contato com os níveis psíquicos, é um sentimento de autoridade - um sentimento positivo de que o que a pessoa está recebendo daqueles níveis é absolutamente verdadeiro e não deve ser questionado, e a atitude crédula de algumas pessoas ao redor muitas vezes aumenta este sentimento de superioridade. Está impregnada de uma aura como "Assim fala o Senhor". Todavia, nenhuma comunicação psíquica é totalmente correta. Porque tem que passar pela personalidade do vidente, é sempre colorida, como eu disse anteriormente, pelos estados mentais e emocionais da personalidade. Mas

no início a pessoa pode muito bem sentir que esta ou aquela visão *deve* ser absolutamente correta e provavelmente constatará que, até certo ponto, está ficando intolerante contra quem faça perguntas ou se discordar dela. Pois bem, estes sentimento positivo e dominante realmente distingue sua faculdade psíquica dos resultados da visualização mental comum e, nessa proporção, pode ser útil. Mas, todas as visões, todos os contatos com os níveis psíquicos *devem sempre* ser checados e testados pela razão da pessoa. Por causa disto é muito útil se, simultaneamente com suas sessões de desenvolvimento clarividente, a pessoa medite na virtude ética da *humildade*. Não a humildade hipócrita de Uriah Heep, de Charles Dickens, mas a humildade verdadeira, livre de autodepreciação indevida e um firme esforço no sentido de afirmar seu próprio *status*, juntamente com uma disposição de dirigir seus esforços adequadamente. O cultivo deste espírito de humildade nem sempre será fácil. Entre a hipócrita subserviência de Uriah Heep e seus próprios sentimentos de autoafirmação, a pessoa terá que pilotar o barco como faziam os antigos marinheiros quando chegavam a Cila e Caribde.

Há um ditado que sintetiza isto: "Para cada passo em seu desenvolvimento psíquico, dê dois em seu desenvolvimento *moral*". Se isto sempre pudesse ser feito tornaria a vida muito mais fácil para nós, quando estamos trabalhando neste campo psíquico; mas, sob as condições em que trabalhamos, isso constitui grandemente uma recomendação de perfeição, como nossos amigos católicos diriam. Não obstante, isso deve ser feito até certo ponto, se quisermos desenvolver-nos com o melhor aproveitamento possível. Se a pessoa aborda seu desenvolvimento psíquico neste espírito de verdadeira humildade, então nenhum afluxo de poder há de arredá-la dos níveis psíquicos.

Ao mesmo tempo, a pessoa não deve permitir-se minimizar indevidamente o que consegue, dizendo: "É imaginação minha". A s faculdades psíquicas atuam mediante a mente subconsciente, e essa parte da mente é extremamente suscetível à sugestão, de modo que não há nenhuma sugestão negativa que não seja aceita tão facilmente como a positiva. A lei áurea é: só mesmo *depois* da sessão procure criticar o que possa aparecer no cristal ou no espelho, quando a sensibilidade subconsciente a sugestões diminui. Evidentemente, no começo, conforme já disse antes, talvez 95 por cento do que a pessoa vê serão o produto da imaginação visual da pessoa, mas, à medida que vai se desenvolvendo essa porcentagem se alterará até que 95 por cento do que se vê será verídico e exato, quando a pessoa estiver totalmente desenvolvida.

É claro que sempre restará aquela pequena porcentagem de "vidro fosco" por causa das impressões psíquicas que têm que passar pela personalidade da pessoa. Este particular nunca pode ser eliminado por completo e a pessoa pode aprender a levar isso em consideração, da mesma maneira como alguém acerta um pouco fora do alvo se o revólver que usa tem alguma inclinação qualquer como seja "atira para a direita"; a pessoa atiraria então um pouco

para a esquerda do alvo a fim de fazer a correção necessária. Por conseguinte, se a pessoa percebe o "vidro fosco" nas visões que recebe, pode reduzi-lo a uma proporção mínima. Pois bem, essa distorção é muito ampla devida à condição de sua saúde física mais suas reações mentais e emocionais na época. Deve a pessoa aprender a adquirir alguma medida de controle da saúde e das reações, se quer que sua clarividência seja exata.

Ioga

Por esta razão, independentemente de outros benefícios que podem advir à pessoa, permito-me lembrar que, além das suas sessões de desenvolvimento clarividente, ela deve também seguir uma escala de sessões de relaxamento e meditação. Não há necessidade de unir-se a este ou àquele grupo, ou trabalhar sob a direção de um guru oriental. A teoria e a prática da meditação foram cabalmente explicadas - na medida em que influenciam a pessoa interessada - em grande número de livros que podem ser encontrados à venda hoje em dia. Em muitas das nossas grande cidades, as autoridades em muitas escolas e outros centros de educação estão ministrando aulas de ioga, e o mesmo padrão está sendo repetido em muitos países de além-mar. Mas, segundo eu já afirmei, podem-se obter todas as informações necessárias em alguns dos excelentes livros que se têm escrito sobre o assunto. Para uso das pessoas interessadas será perfeitamente suficiente uma forma simplificada de técnica de relaxamento da mesma forma que um método simples de meditação; e, à medida que a pessoa for usando estas técnicas, começará a ver como elas podem ser muito úteis no desenvolvimento de sua faculdade.

Gostaria de frisar a importância em se manter um registro pormenorizado dos resultados das sessões de desenvolvimento clarividente. Esse registro é melhor que seja feito *imediatamente* após a própria sessão, antes que a mente possa esquecer os detalhes da visão que se teve. Há uma razão para isto: quando a pessoa está começando a realizar a visão clarividente, tem que contender com a visão física normal e isso - por causa de sua história evolucionária há muito tempo estabelecida como o modo normal de amealhar conhecimentos - é muito mais forte do que os primeiros vislumbres experimentais da faculdade física que está emergindo recentemente. Por isso os pormenores mais sutis da visão perdem-se rapidamente - "Eles voam esquecidos como um sonho" - e na realidade participam da natureza dos sonhos, emergindo, como o fazem, das profundezas dos limites da consciência. Se a pessoa cadastra seus êxitos, de igual modo deve também registrar suas falhas, porque com muita frequência as falhas podem ser mais úteis do que os êxitos, porquanto elas chamam a sua atenção para alguma condição que persiste e que a pessoa pode ter descurado por completo.

Registro da verdade

Uma vez que o estado de sua saúde física e suas condições mentais e emocionais, por ocasião da sua sessão, são todas de importância, elas devem ser anotadas cada vez; e, dado que nossa situação geral, mental e emocional é condicionada, até certo ponto, pelo tempo, este particular deve ser também registrado. Depois de um período de uns três meses, a pessoa provavelmente constatará que existe alguma correlação definida entre os pontos de elevado sucesso. E também as posições lunares devem ser incluídas, visto que existe uma boa evidência de se mostrar que a lua exerce algum efeito sobre nossos estados mentais e emocionais. Esse registro, que abrange as várias influências que podem afetar a pessoa, ajudá-la-á a desenvolver sua faculdade e usá-la com discrição e discriminação. Por exemplo, visões tidas durante a lua nova devem ser cuidadosamente examinadas para ver se têm vestígios de distorção, pois constitui experiência comum de muitíssimos videntes que é neste período que semelhante distorção mais provavelmente ocorre.

Mas, e trata-se de um grande mas, a pessoa deve ser absolutamente honesta consigo mesma - o registro deve ser como a mulher de César, acima de suspeita, mesmo que mental e emocionalmente lhe seja doloroso registrá-lo.

Por experiência pessoal, sei como deve ser difícil reconhecer que não se teve êxito, mesmo num registro particular. Ninguém de nós gosta de admitir que cometeu falha, de modo que , quando estamos tendo uma série de resultados negativos, temos a tendência de procurar fazer com que o registro pareça melhor do que realmente o é, e nossa imaginação pode começar a funcionar. "*Tenho*" a certeza de que realmente vi alguns lampejos de luz no espelho, ou, "*Tenho*" a certeza de que estava se formando um quadro sombreado e podia ter ficado mais claro se eu tivesse continuado a sessão. Se a faculdade começa e desenvolver-se, a pessoa não precisará dizer essa coisas, pois até mesmo os primeiros vislumbres experimentais do poder clarividente causarão uma impressão positiva nela. Enquanto estamos tratando desta parte do treinamento, permito-me avisar com insistência que fique sentada cada vez um certo período, digamos meia hora. Não importa o que esteja acontecendo no final desse tempo, a pessoa deve parar. O subconsciente da pessoa deve estar treinado para obedecer às ordens que se lhe dão. A pessoa deve sempre manter o controle sobre as coisas.

Mantendo um registro verdadeiro e conferindo suas visões perante os diferentes fatores de saúde, posição lunar e estados emocional-mentais da mente durante a sessão, muitas vezes pode acontecer que a pessoa comece a ver um modelo surgir. Assim sendo, é possível que a pessoa tenha mais êxito em adivinhar no espelho ou no cristal quando a lua é cheia, ou poderá descobrir que, se estiver em contato com certas pessoas exatamente antes de começar a sessão , tal contato parecerá que vai afetar seu tra-

balho durante a sessão. Num estágio posterior de seu desenvolvimento, a influência dessas pessoas pode ser eliminada, de modo que deixa de afetar a pessoa, mas no início do treinamento terá que haver-se com isso. A lei áurea consiste em manter um registro pormenorizado, o qual deve ser um registro verdadeiro e *regular* de todas as suas sessões. Trata-se de uma boa autodisciplina, que também lhe proporciona uma *checagem externa objetiva* sobre suas experiências psíquicas subjetivas. Para a maioria de nós pode ser também muito útil evitar que fiquemos arrogantes ou que nos ensoberbeçamos. No começo de seu treinamento, a pessoa deve tirar vantagens sobre toda condição favorável; mas, à medida que progride, deve tentar adivinhar sob condições mais difíceis. Se então logra obter bons resultados, neste caso se terá tornado ainda mais independente de influências externas, o que reforçará toda a sua personalidade. Seja como for, ajudará o interessado a levar a sua faculdade a um nível mais elevado. Deve sempre lembrar-se de que nunca deve cessar seus esforços no sentido de aperfeiçoar sua visão psíquica. Dentro do seu íntimo existem ainda ilimitadas profundezas a serem exploradas e sua visão psíquica deve ir ampliando continuamente seu campo de operação. Não há nenhum ponto final neste campo de pesquisa.

Clarividência de grupo

Referi-me à influência que certas pessoas possam ter. Trata-se de uma coisa muito real, e tais pessoas podem ajudar a faculdade de outras a desenvolver-se ou então poderão inibi-la definitivamente. Se a pessoa está participando de uma sessão em um grupo para desenvolvimento psíquico, as forças psíquicas e mentais combinadas dos que formam o grupo estarão continuamente trabalhando no subconsciente para elevar a faculdade clarividente até um certo nível. Isto é determinado pelo nível geral mental do grupo e, uma vez que se logrou isso, a influência do grupo tenderá a fixá-lo nesse nível. Pois bem, embora as forças psíquicas dos outros membros do grupo possam constituir um fator limitante ou estimulante, ele constitui um fator mormente embaraçante, o qual tende a fazer que sua visão concorde com a situação geral do grupo. A pessoa não só pode ser condicionada pela mentalidade do grupo, mas - conforme já disse algures neste livro - pode começar a confiar inconscientemente nos estímulos da mentalidade do grupo, até que se torne indevidamente dependente deles e não possa mais fazer nenhum bom trabalho psíquico, enquanto não conseguir trabalhar com os outros membros do grupo. Estamos aqui diante de um perigo muito real que deve ser levado em consideração. Por outro lado, o nível da mente do grupo pode ser muito mais elevado do que o da própria pessoa, caso em que existe uma sintonia útil da sua faculdade com um nível mais elevado de percepção.

Acontece que, nesses grupos, frequentemente ocorrem períodos regulares de tensão psíquica, quando os próprios membros individuais estão sinto-

nizando com níveis mais elevados de consciência; quando isso acontece, a pessoa interessada, ou qualquer psíquico em desenvolvimento nesse grupo tem a oportunidade de ampliar o objetivo de suas capacidades psíquicas.

Alguns grupos, contudo, parecem dispor de uma atmosfera *fixa* mental na qual as faculdades psíquicas de todos os membros estão presas a um nível. A grande ocultista Dione Fortune, durante seu ensinamento, insistia em que reconhecêssemos este fator limitante na mente do grupo e que o levássemos em consideração. Às vezes, a impressão que se tem é a de que a melhor coisa a fazer é deixar completamente o grupo, o que a pessoa deve estar preparada a fazer, se ela achar que a atmosfera do grupo está começando a causar empecilhos ao seu progresso.

Mas, antes de tomar esta medida, vale a pena que a pessoa considere seriamente por algum tempo para ver se é o grupo inteiro ou se é simplesmente ela que não está sintonizando. Quando alguém começou a lograr alguns resultados, é muito fácil melindrar-se com qualquer crítica, acreditando que isso é fruto de inveja dos que ainda não conseguiram nenhum resultado. Novamente, cabe aqui lembrar a virtude da verdadeira humildade. Visto que todos os participantes do grupo se acham por ora numa condição impressionável, é muito fácil que surjam problemas e por isso deve-se tomar muito cuidado que a pessoa atue de forma correta antes de decidir-se definitivamente a abandonar o grupo.

Catalisadores psíquicos

Agora, vejamos um aspecto assaz interessante do assunto. Há pessoas que exercem uma grande influência sobre os trabalhos do grupo psíquico, caso se tornem membros. *Sua verdadeira presença* parece estimular bem como inibir quaisquer ocorrências psíquicas. Na maioria dos casos não parecem desenvolver qualquer faculdade psíquica, mas em definitivo exercem influência sobre outras pessoas, conforme dito. Na química, constatou-se que certas substâncias fazem a mesma coisa em reações químicas. Parece que iniciam uma gama de reações químicas em muitas misturas que sejam colocadas, mas não se combinam quimicamente com nenhuma outra substância na mistura. Em geral são conhecidas como catalisadores. As pessoas de que estou falando podem ser encaradas como catalisadores psíquicos e parece que possuem certas características físicas - por exemplo, geralmente têm cabelos ruivos. Por enquanto não possuímos muitos dados pormenorizados sobre a razão por que essas pessoas influenciam o desenvolvimento psíquico, e note-se que não são muito numerosas. Mas, se um dia nos associarmos a um grupo que tem uma pessoa dessas como membro, então constataremos rapidamente que o grupo terá êxito em desenvolver as faculdades psíquicas dos seus membros, ou que, pelo contrário, não logrará absolutamente êxito algum.

Veremos que há oportunidades e limitações que nos influenciam, se nos

unirmos a um grupo de desenvolvimento psíquico, e cabe a nós, pessoalmente, escolher se vamos participar de um semelhante grupo ou se continuamos sozinhos o treinamento. O parecer e a perícia dos líderes do grupo, unidos ao encorajamento no sentido de trabalhar com outros, constituem um fator positivo; mas, por mais entendidos que sejam esses líderes e seja qual for a composição do grupo, pode muito bem ser que prefiramos trabalhar sozinhos. Pessoalmente, eu aconselharia a trabalharem sozinhos, conforme já disse anteriormente. Evidentemente, outra pessoa que registrasse as ocorrências durante as sessões sempre seria útil. Se trabalharmos desta maneira não estaremos tão sujeitos a tornar-nos dependentes dos outros. Todavia, cabe a nós decidir sobre isto.

Conhecimento imediato

Agora quero abordar outro aspecto importante do treinamento. Aparentemente não está relacionado com a adivinhação no espelho ou no cristal, mas na realidade está ligado muito intimamente com ela. Quando a pessoa está em sessão e fitando o espelho podem surgir certas impressões mentais, mesmo que ainda não tenha conseguido qualquer visão objetiva. Essas impressões são de dois tipos. Uma classe é constituída dos resultados do trabalho da faculdade clarividente, as quais estão sendo dirigidas para os esforços que a pessoa faz quando está olhando no espelho, mas que não podem ser transformadas em objetivas, por uma razão ou outra. À medida que o treinamento vai avançando, estas impressões declinam, porque agora estão trabalhando diretamente com o poder crescente da pessoa, para projetá-las numa forma objetiva no espelho. A segunda classe é completamente diferente e constitui em si mesma uma forma distinta de clarividência. Aqui as impressões são claras e definidas e surgem na mente da pessoa enquanto está lendo no espelho, ou então podem aparecer depois de forma espontânea. Estas impressões não são *imagens* objetivas nem subjetivas mas, sim, uma espécie de *conhecimento imediato* que aparece na consciência. Embora não se veja forma de espécie alguma, contudo a pessoa torna-se cônscia de que diante de si existe algo que tem um certo tamanho e forma, e acha que pode descrevê-lo em pormenores. É "como se", foi a maneira como o viu, mas na realidade não vê nada! Esta explicação é muito confusa; mas quando se experimenta esta "visão sem forma" se constatará o que estou procurando dizer. Esta forma de clarividência recebeu a denominação de "Ver um gato preto em plena meia-noite no fundo de uma mina de carvão". Embora a pessoa *não veja* absolutamente nada, uma ideia detalhada surge na sua mente referente a uma pessoa ou coisa definida, e os detalhes são absolutamente distintos - pois não existe nada vago em torno deles, uma vez que esta estranha forma de consciência começou a desenvolver-se.

No início é terrivelmente difícil alguém fiar-se nessas impressões, porque somos condicionados por eras de evolução para associar visão com os

olhos físicos. Aqui não estamos usando nossos olhos físicos para captar as impressões, embora estejamos olhando para o espelho, esperando por uma visão. Acredito que o que está acontecendo é que estamos começando a usar os verdadeiros sentidos psíquicos que não dependem dos sentidos físicos e estão complementando nossa visão no espelho com mais esta informação. Quando a pessoa estiver muito bem adiantada em seu treinamento constatará que esses vislumbres de conhecimento intuitivo estão começando a formar um fundo panorâmico contínuo para as suas visões no espelho. A pessoa não vê apenas sua visão mentalmente projetada no espelho, mas recebe também um bloco pormenorizado de informações que entram ao mesmo tempo em sua mente.

Existe uma forma antiga de psiquismo que depende do sistema nervoso involuntário que se apresenta igualmente em vagas impressões, mas sem a limpidez e o pormenor da clarividência intuitiva. Esta capacidade psíquica atávica parece que a possuem muitos animais e certos seres humanos cujo nível intelectual não é muito elevado - embora possam ser muito inteligentes e muito aptos a tratar com a vida. Acontece, porém, que a clarividência intuitiva não pode atuar através deles, porque ela procede de um nível mental mais elevado do que qualquer outro que possam atingir. Mas há, sim, uma forma de clarividência impressional que eles podem desenvolver. Conforme tenho salientado, essa clarividência impressional carece de clareza e do pormenor do tipo intuitivo.

Clarividência intuitiva

Retornemos, porém, à clarividência intuitiva. Ela surge num aspecto mais elevado da mente do que a antiga forma e por isso é muito mais segura.

Tenho-me referido a ela como sendo psiquismo intuitivo, de modo que acho bom que se faça algumas observações, a propósito de intuição. Fala-se muito a respeito disto. Zomba-se dela como se fosse um atributo feminino, que as senhoras usam para defender seu próprio ponto de vista peculiar em franca oposição às afirmativas razoáveis feitas por pessoas "racionais" - usualmente homens! Quando isso acontece com muita frequência, a intuição da mulher revela ser correta e então se descarta a coisa, dizendo que que se trata de mera coincidência. No entanto, intuição é um atributo comum e não está restrita ao sexo feminino, mas pode ser encontrada em toda a humanidade em diferentes graus. A dependência do homem de sua capacidade de raciocínio fez com que seus poderes intuitivos se enfraquecessem e, com exceção de circunstâncias excepcionais, não conseguem surgir em sua consciência. Qualquer tentativa de desenvolvimento sintomático das faculdades psíquicas e todo sério esforço para dominar a arte de meditação tenderão a provocar o poder intuitivo. Conforme eu disse, este poder intuitivo provém de um nível elevado na mente e não se trata de impressões gerais, mas constitui, isto sim, um fato detalhado e exato. Mais precisamente, o

psiquismo intuicional está vinculado ao conteúdo *ético e moral* de nossas vidas e por isso representa uma ajuda para julgamentos éticos e morais.

Tomemos um exemplo. Suponhamos que temos dois clarividentes. Um deles desenvolveu visão objetiva no espelho ou no cristal, ao passo que o outro desenvolveu o tipo de intuição de percepção subjetiva. O clarividente objetivo vê no espelho a aparição de alguém que, a julgar pelo seu rosto e aspecto geral, pareceria ser uma pessoa respeitável e de bem, e até mesmo de um caráter de projeção. Nosso clarividente objetivo está propenso a encarar esta visão pela maneira como se apresenta, mas o clarividente intuitivo, embora não veja nenhuma forma, tira conclusões completamente diferentes e percebe que a pessoa vista possui um caráter básico que difere enormemente da sua imagem normal - ele não é tão respeitável nem tão benevolente como o clarividente objetivo julgava que fosse. Um contato físico com a pessoa que foi vista clarividentemente demonstrará que o vidente intuitivo estava certo. Por isso, parece que a combinação de duas formas de vidência constitui um objetivo a ser alcançado. Então não só veremos aparições no espelho, mas compreenderemos imediatamente o sentido do que estamos vendo. É porque acredito que este é o método correto de desenvolvimento, que sugeri que a pessoa se concentre em meditação durante um determinado tempo, cada dia, visto que isso abrirá os poderes intuitivos.

Símbolos

Existem muitos livros que tratam de meditação, bem como muitos grupos que a praticam, mas eu gostaria de sugerir que os meus leitores empregassem o sistema particular que lhes apresentarei mais adiante, neste capítulo. Conforme anotamos páginas atrás, muita coisa da clarividência da pessoa pode realizar-se na forma de símbolos. De um modo algo desairoso, tem-se afirmado que os símbolos constituem o refúgio do clarividente ineficiente - e se ele não consegue obter quadros definidos, ele sempre pode recorrer aos símbolos! Isto pode ser verdade num grande número de casos, mas, apesar disso, os símbolos desempenham uma grande tarefa em assuntos de visão psíquica. Efetivamente, quando chegamos à consideração das verdades espirituais mais profundas, somos forçados a recorrer a símbolos. Um caso clássico é o livro do Novo Testamento conhecido por A Revelação de São João. Aqui o volume do livro é puramente simbólico. Com relação a este livro, é interessante notar que, quando o vidente caiu aos pés do Ser que era seu guia e instrutor na visão, o anjo proibiu-lho, dizendo: "Não faças isto! Sou um servo como *tu e teus irmãos*".[1]

Ora, os símbolos que surgem na mente da pessoa são de diversos tipos. Primeiro existem aqueles símbolos que aparecem em sonhos. Referem-se normalmente aos estados mentais interiores da pessoa, mas ocasionalmente

[1] Ver Apocalipse 22, 9 (N.T.).

são psíquicos que surgem "através das Portas de Chifre", conforme os antigos costumavam dizer. O estudo e a manipulação dos símbolos oníricos constituem a maior parte da arte dos psicólogos e psiquiatras. Mas existem outros símbolos que se desenvolveram numa maneira casual dentro da mente da pessoa e, quando a sua clarividência começa a desenvolvê-la, então ela fica propensa a usar esses símbolos. No entanto, a pessoa sempre pode elaborar um código planejado e selecionado dos símbolos e convencer suas faculdades psíquicas a usá-lo. Caso a pessoa tente fazer isto, deve estar preparada para enfrentar uma certa qual resistência da parte do seu próprio subconsciente, que costuma preferir decididamente o código que ele próprio construiu! Mas, exatamente como o trabalho de um profissional experimentado costuma ser superior aos esforços do curioso, também o sistema, que irei descrever com bem poucas palavras, tem muitos pontos de vantagem sobre o código próprio da mente média subconsciente. Antes de prosseguir, devo garantir aos meus leitores que aquilo que lhes darei representa apenas uma parte muito pequena de uma grandiosa filosofia conhecida por Cabala. O sistema organizado de símbolos que abordaremos constitui o símbolo-padrão da Cabala. Dentro dos limites deste pequeno livro é impossível oferecer-lhes mais do que uma fração da filosofia da Cabala, mas podem ser encontrados livros que Dione Fortune, o Dr. Israel Regardie, eu mesmo e muitos outros escrevemos sobre o assunto.

Simbolismo cabalístico

Sem nos distendermos mais do que em uma explicação geral do sistema cabalístico na medida em que concerne ao nosso treinamento psíquico, permito-me dizer que a base desta filosofia é a de que o Homem é o Microcósmico Reflexo do Macrocosmo ou Universo em que ele vive, e de que, por esta teoria, todos os poderes e forças desse Universo devem ser encontrados nele. Os cabalistas construíram então sobre este fundamento um maravilhoso esquema de filosofia, mas aqui nos ocupamos somente daquela parte que tem de relevância para os nossos esforços no desenvolvimento psíquico.

O diagrama adiante (faltando...) oferece-nos a ideia principal da Árvore da Vida, como se chama. Cada um dos pontos-chave ou Sephiroth, conforme se denominam (o singular é "Sephirah"), tem certos nomes, símbolos e ideias relacionados com ela, os quais representam certos fatores no Universo e também no homem. Por ora, estamos unicamente interessados com o que eles significam na medida em que se referem ao nosso treinamento clarividente. Podemos notar que as qualidades mostradas nos Sephiroth são complementares, equilibram-se mutuamente, e nesta filosofia não é desejável qualquer desequilíbrio permanente das forças. Assim sendo, verticalmente KETHER equilibra MALKUTH, o reino, como é chamado; horizontalmente, os dois "Pilares" externos constituem oposição complementar mútua, onde

CHOKMAH equilibra BINAH; GEBURAH faz o mesmo com GEDULAH, e NETZACH e HOD complementam-se mutuamente nas bases dos dois Pilares externos. Casualmente, às vezes estes dois Pilares recebem os nomes dos dois Pilares em frente ao Templo do Rei Salomão, que eram conhecidos como Jaquin e Boaz. No Pilar central, o sephirah TIPHARETH é o símbolo e Estação de Equilíbrio, enquanto que abaixo dele YESOD representa os Alicerces. MALKUTH, o Reino da Matéria, é o estado em que somente todos os valores da Árvore são finalmente concretizados e determinados. Ele é incompleto, a menos que se concretize um princípio em Malkuth.

Pois bem, a fim de utilizar estes símbolos no desenvolvimento, será necessário que a pessoa medite alternadamente em cada símbolo, procurando captar e compreender seu significado particular, até que o símbolo com seus significados seja firmemente estabelecido em sua mente subconsciente. A pessoa perceberá, evidentemente, que terá que perseverar com destemor nestas meditações, repetindo mais e mais vezes os assuntos, até que tenha causado uma impressão permanente em seu subconsciente. Notará que cada Sephirah recebeu uma cor definida, à qual está ligada também uma ideia precisa.

Significado da cor

Geburah é rubro, ao qual está vinculada a ideia de demolir e destruir. Gedulah, por outro lado, é azul e tem a ideia de construção. Netzach é verde esmeraldino e encerra a ideia de sentimento emocional, ao passo que Hod é laranja colorido, que está ligado à ideia de intelecto. Yesod é violeta e sua ideia é a de alicerce, enquanto que Malkuth tem quatro cores, uma para cada quarto - respectivamente oliva, citrino, avermelhado e preto. Sua ideia é de "Reino", onde todas as outras coisas se realizam. Tipharet tem a cor de ouro e encerra a ideia de Equilíbrio e Harmonia. Binah é azul índigo e encerra a ideia de restrição, de inércia e de conservação de coisas estabelecidas. Chokmah é prata, com a ideia associada de força ilimitada sob tremenda pressão, e, finalmente, Kether é branco claríssimo, e a ideia que encerra é a da Fonte de onde tudo o mais procede, a fonte de energia primeva do Universo e do Homem.

Para nossas meditações devemos recortar agora dez pedaços quadrados de cartolina branca e pintá-los com as cores que dei aqui. Deve-se deixar sem pintar uma tira no fundo da cartolina e uma tira igual na extremidade superior. Pintar ou imprimir na extremidade superior o nome da carta, e, na tira do fundo, a ideia associada com ela. Agora temos um maço de cartas coloridas, uma das quais deve ser usada cada dia como o ponto focal da nossa meditação. Nessa meditação devemos considerar muito cuidadosamente a ideia relacionada com a carta escolhida para o dia, tentando compreender com exatidão o que ela implica. Durante o resto do dia devemos olhar ao nosso redor e procurar ver onde é que a ideia está se concretizando na vida.

Vejamos um exemplo: Estivemos meditando em Geburah, esta manhã (o melhor tempo para este tipo de meditação é de manhã bem cedo, e permito-me presumir que os meus amigos fizeram sua meditação pouco depois de levantar-se, antes de ir para o trabalho). Agora, quando descermos a rua, e também quando estivermos trabalhando, devemos precaver-nos contra toda instância que nos cerque, relacionada com o princípio de demolição e de destruição. Talvez, quando descermos a rua e vermos a escavadora de terraplanagem demolindo uma casa. Este é um perfeito símbolo de destruição. Depois, quando estivermos no trabalho, é possível que vejamos que uma parte de algum departamento está sendo encerrada e não será mais utilizada. De novo, ali está o elemento de destruição.

Escolhi esta Estação particular na Árvore porque me facilita ilustrar outro ponto. A destruição pode ser de dois tipos. Uma consiste simplesmente em limpar o terreno a fim de deixá-lo pronto para novas atividades. O antigo cortiço é terraplanado para que possam ser construídas casas melhores e novas no terreno que foi trabalhado. Podemos multiplicar semelhantes incidentes, onde a destruição se justifica por causa das melhorias que ela traz. Mas é possível que uma casa em nossa rua tenha sido desocupada ou abandonada, e que os vândalos a tenham invadido, quebrando janelas e despedaçando portas, saqueando tudo o que possam encontrar e transformando finalmente o lugar num monturo sujo e fétido. Esta forma de destruição está fora de cogitação, visto que não serve para nenhum bom objetivo e atrás dela não existe nenhuma ideia construtiva. Nós imaginamos em nossa mente nosso quadrado de vermelho brilhante e mudamos essa cor para uma de cor vermelha turva, com a ideia de destruição cruel. No decurso do dia, observaremos outros exemplos da concretização deste princípio de Geburah. No dia seguinte meditaremos sobre a carta azul de Gedulah e estaremos de atalaia para quaisquer exemplos de trabalho à nossa volta. De igual modo, se vemos em exemplo de construção exagerada e de conservadorismo obstrutivo, associamos este fato em nossa mente com uma carta azul clara. E assim por diante com o resto dos Sephiroth. A cor pura representa a concretização equilibrada do princípio, a cor clara representa esse mesmo princípio desequilibrado e por isso relativamente ruim.

Cores e conceitos

Estamos construindo um sistema mental de arquivamento com dez compartimentos, e associando cada compartimento com uma cor e um conceito. Havia um cientista russo de nome Pavlov, que fez algo semelhante com cachorros. Pois bem, quando ele tocava uma campainha, eles imediatamente revelavam todos os sinais de fome violenta e babavam-se. O processo era conhecido como o "reflexo condicionado" e uma escola de psicologia considera isso um dos pontos-chave em sua filosofia comportamentista (*behaviourist*). Nós estamos estabelecendo uma série semelhante de reflexos condicionados

em nossa mente, de forma que, mediante a associação natural de ideias, sempre que deparamos com a concretização dos conceitos que foram impressos nas cartas que estamos usando, a imagem mental da carta surge imediatamente em nossa mente. Estas imagens associadas podem ser usadas por nossa faculdade clarividente para transmitir informações à nossa consciência ativa. Permitam-se apresentar outro exemplo: vemos em nosso espelho o aspecto de alguém que, pelo que podemos julgar, é um cidadão perfeitamente comum e uma pessoa que parece ser de boa índole, a deduzir pela sua roupa e aparência geral. Pois bem, *se fizermos nossa meditação conforme devemos fazer*, pode ser que repentinamente apareça por cima da cabeça o quadrado vermelho que está associado em nossa mente com a ideia de "demolição". Ora, esta é nossa clarividência *intuitiva*, que oferece sua percepção interna do seu *caráter*. Assim, o sistema de símbolos constitui um excelente meio, mediante o qual a nossa visão intuitiva pode desenvolver-se e treinar. Cada símbolo de cor deve ser alternadamente meditado, devendo-se tomá-los aos pares onde se apresentam reciprocamente opostos no diagrama. Assim: um dia Chokmah, no dia seguinte Binah; Hod um dia e Netzach no outro, e assim por diante.

Embora possamos ver o símbolo aparecer acima da cabeça da aparição no espelho, casualmente pode também ocorrer que a própria cor se espalhe e tinja todo o quadro clarividente no espelho, deixando-o como uma névoa que varia de intensidade, de acordo com a quantidade da qualidade particular que se percebe com a aparição. Com a prática, à medida que os símbolos surgem na consciência clarividente, nossa mente começa a funcionar com eles na mesma maneira que o faria se estivéssemos aprendendo o Alfabeto Morse, por exemplo. Inicialmente, quando se ouvem os três sinais do Morse para a letra "S", nós conscientemente contamos o número de sinais, mas, à medida que vamos adquirindo prática, o número é totalmente esquecido e nossa mente simplesmente registra a ideia da letra "S".

Num estágio ulterior nós interpretamos subconscientemente os sinais do alfabeto, e as palavras reais e sentenças aparecem automaticamente em nossa consciência quando escutamos o ruído do aparelho Morse. O mesmo se dá com os símbolos cabalísticos. À medida que vamos adquirindo prática chegamos ao ponto em que os símbolos, profundamente gravados em nossa mente subconsciente por força da constante meditação neles, nunca precisam aparecer de forma pictorial, mas as informações que eles veiculam pairam em nossa mente da mesma maneira que as palavras e as sentenças na recepção Morse que usei como um exemplo.

Naturalmente, há muito mais a aprender, mas este método, nas breves linhas com que o descrevi, levará os interessados bem adiante em seu desenvolvimento e tornará sua clarividência muito mais segura. Lembrem-se: a clarividência objetiva, que a vejam no espelho ou aparentemente no espaço à volta dos interessados, proporciona o que se poderia descrever com a "forma" de tudo o que se vê, mas a visão intuitiva mostra o *caráter* do

que quer que a pessoa esteja vendo.

Desenvolvendo nosso próprio sistema

Evidentemente não precisamos adotar o sistema cabalístico que esbocei. Eu tenho uma preferência inata por ele, pois é o sistema com o qual me treinei. Muito possivelmente, nossa própria natureza íntima pode elaborar seu próprio sistema de simbolismo, que pode ser muito eficiente para nós. Por conseguinte, não nos espantemos e vejamos que tudo ficou demasiado complicado para nós. O método que delineei constitui um padrão em muitos grupos que se pautam segundo estas diretrizes e provou ser eficaz. Mas, neste assunto, existem baixios em que se pode desenvolver um bom trabalho sem treinamento especial deste tipo, bem como águas fundas onde somente os videntes habilmente treinados e testados podem ousar nadar. Pode muito bem ser que, movimentando-nos nas águas rasas, logremos desempenhar melhor serviço para o nosso companheiro do que se tentássemos trabalhar nas grandes profundezas. Há um conceito hindu conhecido por Adikara, que significa “competência”. Ele constitui um lembrete de que nós atuamos da melhor forma possível no trabalho *para o qual somos naturalmente preparados.*

Ao mesmo tempo, devemos sempre nos lembrar de que não estamos rigidamente bitolados por um nível de vida - podemos movimentar-nos em águas mais fundas, se e quando estamos preparados para elas. Em relação com esta ideia, quisera eu salientar que no Catecismo da Igreja da Inglaterra a criança é ensinada a dizer: “... e cumprir com o meu dever no *estado de vida ao qual prouver a Deus me chamar*”.

À medida que continuamos a empregar nossa faculdade clarividente no serviço de Deus e dos seus seguidores, pode muito bem acontecer que nosso íntimo espiritual nos empurre e guie para os níveis mais profundos da percepção clarividente e a situação dos nossos poderes pode ser aprofundada e ampliada. Outras faculdades psíquicas podem desenvolver-se espontaneamente. A clariaudiência, por exemplo, pode progredir da mesma maneira que a nossa clarividência, tornando-se em seus sucessivos estágios a informar captação de conhecimentos que muitas vezes é conhecida como “A Voz do Silêncio” e a qual constitui o método de comunicação entre nosso íntimo espiritual e nossa personalidade exterior. Ou então outras faculdades podem começar a revelar-se, visto que com muita frequência acontece que o uso costumeiro de uma faculdade estimula outras, como já disse.

À guisa de conclusão, quisera deter-me um pouco numa observação que fiz anteriormente nesse livro. Insinuei que, independentemente de grande parte de todos os vários grupos que estão desenvolvendo e usando faculdades psíquicas em combinação com seus próprios sistemas particulares de filosofias, há pessoas que não se encontram em organizações e grupos, “Ordens” e “Fraternidades” do tipo costumeiro. Essas pessoas formam aquilo

que poderíamos chamar de "Ordem de Retaguarda". Elas nunca apregoam sua existência, embora em muitos casos atuem por intermédio e atrás dos líderes e membros de grupos, se bem que não devam ser confundidas com eles, porque nunca pertencem às mentes grupais dessas organizações. Elas nunca reivindicam sua qualidade de membros dessa Ordem de Retaguarda. Quando a pessoa chegou ao ponto onde seu desenvolvimento espiritual e psíquico oferece garantia, então ela pode ser convidada a ingressar nas suas fileiras. A escolha fica totalmente a critério da pessoa interessada - não há coação em espécie alguma. De igual modo, quer a pessoa escolha continuar em sua própria maneira sossegada, desenvolvendo sua faculdade psíquica e empregando-a para ajudar os que necessitam de auxílio, ou se a pessoa se sente atraída para participar de um ou de muitos grupos esotéricos que andam espalhados por toda parte hoje em dia, isso é assunto completamente da alçada da própria escolha individual.

Capítulo 6

Pós-escrito

Neste opúsculo procuramos oferecer um esboço simples e muito claro de desenvolvimento clarividente, mas quiséramos pedir aos leitores que se lembrassem de que este trabalho *não passa* de um esboço. Por exemplo, não nos aprofundamos no simbolismo e no significado das cores que a pessoa perceberá de forma clarividente. Esta omissão se deve ao fato de que todo o assunto de simbolismo das cores é um tanto confuso, onde encontramos diferentes autoridades apresentando diferentes interpretações. Dado que temos observado durante nosso próprio trabalho neste campo que a mente secreta da cada vidente tende a atribuir seu próprio significado às cores e símbolos que ela percebe, é muito melhor que o leitor aprenda, por um processo de tentativa e falha, qual é o código simbólico de sua própria personalidade, em vez de procurar impor o código de alguma outra pessoa.

Ao iniciarmos nosso treinamento em percepção clarividente, provavelmente entramos em contato com outras pessoas que estão interessadas no assunto ou que elas próprias estejam tentando semelhante treinamento. De certo modo, pode ser de grande utilidade este companheirismo com outros que estão trilhando a mesma via do desenvolvimento, especialmente se sou uma pessoa para quem é importante um íntimo companheirismo humano. Muito depende de nossa estrutura temperamental. Todavia, esse companheirismo íntimo no trabalho de treinamento psíquico oferece vantagens e desvantagens e seria bom que o considerássemos muito cuidadosamente para ver se é realmente tão necessária e útil nossa associação com os que estão ligados a nós, ou nós a eles, por causa de nosso treinamento psíquico.

Pode parecer que estamos tentando transformar a pessoa num ser apático e retraído, preocupado somente com seu próprio desenvolvimento. Isso não é assim mas, neste assunto de treinamento psíquico e especialmente em suas fases inicias, existem muitas pessoas que, longe de ajudar em nossos esforços, quase certamente interferirão neles e desacelerarão nosso desenvolvimento. Não é que estejam agindo com malícia premeditada como regra geral, mas com suas atividades precipitadas acabam transtornando condições muito

delicadas sob as quais esse desenvolvimento se realiza.

Em treinamento psíquico constatamos que a telepatia constitui um dos muitos fatores que temos que levar em consideração. A ação telepática inconsciente exercida sobre nós por outras pessoas constitui algo muito real e pode muito bem atrapalhar o nosso desenvolvimento. Somente por esta razão não é prudente permitir que muitas pessoas tomem conhecimento dos nossos esforços em treinamento psíquico. Muitos podem ignorantemente desdenhar nossos esforços, e este desprezo crítico será captado rapidamente por nossa mente subconsciente à medida que nossa sensibilidade aumenta. Isto causará uma tensão desnecessária da nossa parte.

Também pode muito bem acontecer que sejamos convidados a participar de algum grupo de pessoas cujos membros estão também interessados em capacidade psíquica, ou que realmente a estejam desenvolvendo, mas aqui devemos ser muito cautelosos. Alguns desses grupos e círculos estão relacionados com a atmosfera geral de certas seitas religiosas, e nelas trabalham, as quais se constituíram mediante fenômenos psíquicos. Outras pessoas estão vinculadas a várias fraternidades ocultas, boas e ruins, e outros mais baseiam-se no uso, ou abuso das drogas psicodélicas. Todos esses grupos costumas estar ávidos por alistar novos adeptos e, se tais adeptos já estiverem trabalhando com coisas psíquicas, então alguns membros desses grupos procuram obtê-las ainda com mais avidez.

Associação de membros

Existem outros dois pontos relacionados com o desenvolvimento num grupo, os quais são da maior relevância para a pessoa que está desenvolvendo clarividência. Antes de mais nada, a associação de um grupo, embora possa proporcionar alguma medida de proteção ao psíquico em desenvolvimento nos primeiros estágios do seu trabalho, sem dúvida alguma pode embaraçá-lo posteriormente. Pode muito bem constatar que, quando sua capacidade clarividente mais ou menos se estabilizou, ele se insurgiu contra a mente múltipla do grupo, e esta mente grupal pode em definitivo limitar o objetivo de sua clarividência. Num grupo em que os líderes estão cônscios disto e tomam providências para neutralizar essa situação, tudo correrá muito bem, mas muitos grupos demonstram claramente que seus líderes são "o cego guiando o cego". É melhor a pessoa trabalhar sozinha, mesmo que almeje o apoio e o encorajamento que um grupo pode proporcionar, do que tornar-se prisioneira de uma mente grupal, por mais elevadas que pareçam as pretensões.

Em segundo lugar, a clarividência desenvolvida num grupo é algo parecido com uma planta de estufa, como regra geral. Embora funcione bem nas condições grupais, ela tenderá a tornar-se intermitente e menos segura, quando usada independentemente do grupo. Vimos isto acontecer com frequência. Estas observações não se aplicam evidentemente a um grupo bem

dirigido e disciplinado, os quais são poucos e dificilmente encontradiços, de modo que, falando em termos gerais, alertamos os nossos leitores, como já dissemos, que trabalhem independentemente por um bom espaço de tempo até perceberem que podem usar sua nova faculdade sem que ela seja influenciada, em nenhuma proporção, pelas corrente de pensamento do grupo.

Todavia, o efeito de nossa desenvolvimento clarividente provavelmente fará que comecemos a estudar todo o assunto (do qual esta faculdade clarividente constitui apenas um aspecto), o que nos colocará em contato com muitas organizações de que falamos. Conforme dissemos, semelhantes contatos devem ser evitados nos estágios iniciais do nosso desenvolvimento, mas podemos começar a estudar estes outros aspectos do desenvolvimento, quando nossa faculdade tiver se estabilizado e já tivermos percorrido algum caminho no desenvolvimento daquela virtude da discriminação de que falamos.

O controle dos poderes

Tão logo comecemos a apresentar algum poder clarividente, seremos assediados por pessoas que querem que exercitemos nosso dom em seu benefício. No primeiro afluxo de desenvolvimento exitoso podemos facilmente cair na armadilha e esfalfar-nos na tentativa de satisfazer o apetite de maravilhas que é a razão real desses pedidos que nos fazem. Então pode muito bem acontecer que achemos que a faculdade começa a ficar errática e que finalmente cessa de funcionar. Observaremos então com que entusiasmo e alívio aqueles - cujo amor por sensação temos servido - nos largarão como carvão incandescente e se bandearão para outro vidente. Vimos que isto aconteceu em muitas ocasiões, daí porque lhes demos este aviso, prevenindo-os para que não sejam usados desta maneira.

É muito bom desenvolver a clarividência, mas o primeiríssimo passo que devemos dar é conquistar o controle positivo sobre a nova faculdade. Não só não deve ela funcionar sem nossa permissão consciente (exceto nos casos muito excepcionais que já citamos), mas ela deve ser capaz de ser usada sem a necessidade de quaisquer condições especiais. Com efeito, devemos poder usá-la positivamente, enquanto estamos numa plataforma apinhada de estrada de ferro, rodeados de ruídos e alvoroço. Essas condições adversas não devem influir no funcionamento da clarividência.

Ulteriores estudos

Pois bem, como dissemos, provavelmente seremos induzidos ao estudo de todo o assunto e, uma vez que nosso poder se estabilizou, será de bom alvitre que investiguemos os vários grupos e sociedades que se relacionam com este assunto. Logo descobriremos que, na realidade, constituem um belo mistifório. Constataremos que alguns deles são de natureza religiofilosófica,

enquanto que outros são grupos religiosos sectários, cristão e não-cristãos em sua similitude, ao passo que outros se dedicam a filosofias ocultas de muitos tipos, alguns dos quais será melhor deixá-los de banda, sozinhos, conforme já frisamos.

Ademais, existem os que cuidam destes assuntos sob um ângulo filosófico e científico, e todos eles têm um fator em comum: uma visceral condenação mútua!

Constataremos que a literatura sobre o assunto é igualmente diversa. Alguns periódicos são as revistas internas das várias organizações, outros conseguiram publicação por seu próprio mérito, e muitos mais nunca teriam logrado a dignidade da forma de um livro, se tivessem sido obrigados a passar pelo crisol de um parecerista editorial. Esta última observação não quer dizer que *tudo* o que é publicado privadamente sobre estes assuntos esteja privado de valor. Às vezes um livro que não teria aceitação comercial, e o qual, por isso, não interessaria à média dos editores que têm que avaliar o aspecto comercial, pode ter considerável mérito; por este motivo é de se desejar que seja publicado. Neste caso, a publicação particular serve de ajuda. Poderia muito bem acontecer que *nosso* registro de nosso próprio desenvolvimento clarividente encerrasse suficiente valor que merecesse ser publicado.

Há muitas outras considerações, mas se mantivermos um registro verdadeiro e fiel de *todas* as nossas sessões e de *todos* os resultados que alcançamos, então constataremos que numa proporção crescente, iremos compreender os aspectos mais amplos do nosso poder. Não nos esqueçamos de que tanto as falhas como os sucessos devem ser registrados. Sejamos honestos conosco, que nossa faculdade nos proporcionará informações verdadeiras; mas, se - por causa de um desejo de ser julgado um oráculo infalível - distorcemos o conhecimento que recebemos desta maneira, então nossa faculdade clarividente se deteriorará e tornar-se-á insegura. Lembremo-nos, também, do que já foi dito: nós assumimos uma responsabilidade muito grande quando usamos estes poderes em nosso relacionamento com nossos colegas e amigos. No entanto, se começamos e continuamos nossa carreira clarividente no espírito que já nos foi indicada - o desejo de conhecer para servir - então veremos conforme ocorreu muitos anos atrás, que seremos levados por uma via de crescente serviço e progressiva felicidade.

Mais do que isto: para alguns de nós que já desenvolveram sua visão interior lograram-se vislumbres de uma vontade poderosa em cujo serviço deve ser encontrada a verdadeira felicidade e a paz perfeita.

Oxalá se dê o mesmo com os que palmilham esta via de desenvolvimento clarividente prático.